

04-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante almoço oferecido ao Rei da Espanha, Juan Carlos I

Palácio Itamaraty, 04 de junho de 2012

Eu queria cumprimentar Sua Majestade Juan Carlos I, Rei da Espanha,

O senhor Michel Temer, vice-presidente da República,

O senador José Sarney, presidente do Senado e ex-presidente da República,

O ministro do Supremo Tribunal Federal, Carlos Ayres Britto, presidente do Supremo,

Cumprimentar as senhoras e senhores ministros de Estado e demais integrantes das delegações do Brasil e da Espanha.

Queria cumprimentar o senador Fernando Collor de Melo, presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa do Senado Federal, ex-presidente da República.

Queria também cumprimentar as senhoras e os senhores deputados federais presentes.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores empresários.

Queria cumprimentar os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Com grande alegria, eu, em nome do povo brasileiro e do governo brasileiro, dou as boas vindas ao Rei Juan Carlos. Mais do que representante de um grande país, recebemos um amigo do Brasil, cujo afeto por nossa terra e nosso povo é amplamente conhecido.

Espanha e Brasil possuem uma larga história de relacionamento e de cooperação. A visita de vossa majestade, acompanhada de expressiva delegação empresarial, evidencia o desejo da Espanha de aprofundar essas relações - o que nós ficamos extremamente satisfeitos - e de conferir um renovado impulso à parceria estratégica bilateral lançada em 2003.

Sei que o contexto internacional, muitas vezes, conspira contra nossas vontades nacionais. O delicado momento econômico por que passa o mundo, e a Europa em particular, tem apresentado ainda de formas diferenciadas desafios para todos nós.

Nós temos confiança na criatividade e na força do povo espanhol. Estamos seguros de que os esforços para superação da crise europeia serão muito bem-sucedidos. O Brasil buscará a melhor forma de colaborar neste momento de desafios. Temos adotado medidas para fortalecer a nossa economia e estimular o nosso crescimento.

Nós sempre defendemos que a saída da crise passa, fundamentalmente, pelo crescimento econômico com distribuição de renda, pela criação de empregos e pelos esforços de combater a pobreza e promover a justiça social. Tal esforço não é compatível com a paralisia,

nem tampouco é incompatível com a necessária busca do equilíbrio macroeconômico.

Mas, a retomada do crescimento em nível global não pode depender apenas de medidas adotadas pelos países emergentes. Em um momento de crise é fundamental insistir em uma ação coordenada e solidária entre todos os grandes atores da economia mundial, em especial, uma ação coordenada e solidária entre os próprios países da Europa.

Será esta a mensagem que o Brasil levará à próxima Cúpula do G-20, no México: a afirmação da importância do crescimento econômico e, simultaneamente, a tomada de medidas na área dos esforços macroeconômicos de estabilidade. Não há incompatibilidade entre as duas, pelo contrário. É necessário o crescimento para que o ajuste não seja feito em detrimento dos interesses dos povos dos países europeus e dos povos de todos os países do mundo.

Majestade, segue fortalecido o espírito de entendimento e a admiração mútua que aproximou brasileiros e espanhóis e que levou nossos concidadãos a buscar novas oportunidades nos dois lados do Atlântico.

Por isso, atribuo importância ao fato de que estejamos avançando no encaminhamento de soluções reais para os nossos problemas. Por exemplo, para os problemas enfrentados por viajantes brasileiros na Espanha.

Com esse mesmo ânimo construtivo, empresários espanhóis e brasileiros seguirão renovando as suas relações, explorando possibilidades nos campos do comércio e dos investimentos, estabelecendo parcerias, articulando *joint ventures*, participando efetivamente do crescimento dos nossos países.

Apesar dos efeitos negativos da crise sobre a economia global, as relações econômicas bilaterais vêm retomando seu dinamismo. Lembro que a Espanha é o segundo maior investidor no Brasil, com um estoque de US\$ 85,3 bilhões. Nosso comércio bilateral atingiu, em 2011, cerca de US\$ 8 bilhões.

Nós temos um desafio. Não só continuar, mas fazer avançar, ampliar e diversificar a pauta de nossas trocas comerciais e também as parcerias de investimento que, mesmo sendo hoje extremamente significativas, ainda podemos dizer que estão aquém das potencialidades das nossas economias.

Por isso precisamos criar as condições para multiplicar esses avanços e identificar novos horizontes de cooperação. Temos grande interesse em projetos de infraestrutura, de energia, em projetos que compartilhem tecnologia.

O Brasil está se preparando para um salto de competitividade em sua economia. Para isso é necessário um desenvolvimento acelerado de nossas capacidades científicas e tecnológicas.

O Brasil também está se preparando para ter, diante do acirramento das crises e de processos recessivos na economia internacional, uma política pró-cíclica de investimento.

Nós temos imensas oportunidades, tanto na área de infraestrutura, transporte, energia, telecomunicações, como também na relação associada entre o Brasil e a Espanha no sentido de promover a cooperação em inovação e pesquisa, por meio, sobretudo, do intercâmbio de pesquisadores e pela implementação de projetos bilaterais em áreas de alta tecnologia, como engenharia biomédica, nanotecnologia, equipamentos de defesa e tecnologia da informação.

A cooperação com a Espanha na área de educação, particularmente no âmbito do programa Ciência sem Fronteiras, é muito auspiciosa. Nos próximos dois anos, até 8 mil bolsistas brasileiros poderão ser recebidos pelas universidades e instituições espanholas. Agradeço o apoio do governo espanhol a essa iniciativa.

Senhoras e senhores,

A Espanha continuará a ser um sócio do Brasil nas iniciativas de investimentos, nas iniciativas de construção de uma parceria estratégica entre os nossos empresários, os nossos povos, e também nas iniciativas de solidariedade internacional e de promoção do desenvolvimento.

Confiamos nessa aliança, porque queremos construir um mundo à imagem dos valores que unem nossos povos – a defesa da democracia e do desenvolvimento para todos, promoção e proteção dos direitos humanos e o fortalecimento do multilateralismo.

Vossa majestade visita uma América Latina imbuída do espírito de solidariedade traduzido no desejo de integração política e econômica. Cultivamos o diálogo livre e desimpedido, porque fundado no apreço e respeito entre iguais.

Somos, sem dúvida, uma zona de paz, democrática e que busca soluções autônomas para nossos problemas.

É de especial interesse para o Brasil, no plano multilateral, o diálogo entre a Espanha o nosso país no âmbito da Rio+20. A Conferência constitui oportunidade única para refletir sobre padrões de desenvolvimento para as próximas décadas, capazes de gerar crescimento econômico, com a inclusão social e proteção ao meio ambiente.

Recebi, com muita satisfação, a confirmação da presença do presidente Mariano Rajoy, no segmento de alto nível da Conferência Rio+20.

Com espírito aberto aos novos tempos e aos desafios que se apresentam para todos nós, convido a todos a brindarem em homenagem ao Rei Juan Carlos I, à prosperidade do povo espanhol, à força do povo espanhol para enfrentar desafios e à amizade fraterna que une nossos países.

Muito obrigada.

¶ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-ao-rei-da-espanha-juan-carlos-i-brasilia-df-11min58s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-almoco-oferecido-ao-rei-da-espanha-juan-carlos-i-brasilia-df-11min58s) (11min59s) da Presidenta Dilma

05-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente

Palácio do Planalto, 05 de junho de 2012

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

A deputada Rose de Freitas, presidenta em exercício da Câmara dos Deputados,

O ministro Ayres Britto, presidente do Supremo Tribunal Federal,

O embaixador Sha Zukang, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20,

O senhor Achim Steiner, diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, por intermédio de quem cumprimento todos os representantes do sistema ONU, e dou também as boas-vindas tanto ao secretário-geral da Rio+20, como ao representante de todo o sistema da ONU.

Queria cumprimentar a ministra Izabella Teixeira e a ministra Gleisi Hoffmann, do Meio Ambiente e da Casa Civil, em nome de quem eu cumprimento as senhoras e os senhores ministros de Estado aqui presentes.

Queria dirigir um cumprimento também ao Sérgio Cabral, governador da Rio+20, estado que vai receber todos os representantes internacionais que aqui comparecerão, bem como os nacionais, para discutir esta questão tão relevante, que é a questão do desenvolvimento sustentável.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores senadores Ângela Portela, Jorge Viana, Marta Suplicy, Rodrigo Rollemberg e Valdir Raupp.

Queria cumprimentar os deputados e as deputadas federais aqui presentes.

Cumprimentar o vice-governador do Rio, Luiz Fernando Pezão.

Cumprimentar o senhor Raul de Jesus Lustosa Filho, prefeito de Palmas, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar a Sônia Bone de Sousa Silva Santos, vice-coordenadora das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, por intermédio de quem vou saudar todas as lideranças indígenas aqui presentes.

Cumprimentar o nosso querido maestro João Carlos Martins e a camerata da Orquestra Sinfonia do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Cumprimentar o Jean William e a Raquel Guillen.

E cumprimentar também todos os músicos que aqui tocaram e nos encantaram, e faço isso ao cumprimentar o nosso pianista aqui presente.

Meu caro Maurício de Souza, que tem contribuído com sua arte para difusão dos valores de preservação do meio ambiente, meus cumprimentos.

Senhoras e senhores representantes de organizações de promoção e defesa do desenvolvimento sustentável.

Senhores jornalistas, senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

O Brasil se sente muito honrado por ter sido escolhido pela ONU para ser o país-sede do Dia Mundial do Meio Ambiente deste ano. Ao abriremos, também, a Rio+20, tanto a Conferência das Partes que vai reunir presidentes e chefes de governos aqui, do Brasil, como também a Conferência dos Povos. Essa escolha, eu gostaria de dizer para vocês, chega num momento adequado. O Brasil tornou-se, de fato, ao longo da última década um dos países que mais avançou na preservação de sua biodiversidade, na adoção de uma agenda ambiental moderna e na construção de um modelo de desenvolvimento sustentável.

Hoje, damos novos e importantes passos nesse caminho e, como a ministra Izabella já apresentou, estamos hoje criando e ampliando unidades de conservação, instrumento que tem se mostrado fundamental para o nosso esforço de preservação ambiental.

Estamos, também, homologando novas terras indígenas e, com isso, cumprindo nosso dever de validar direitos constitucionais dos povos que estão na origem de todos nós, brasileiros. E fortalecemos, também, a proteção de nossas florestas.

Estamos aderindo ao Protocolo de Nagoia e a Convenção de Bonn, que nos permitem reafirmar o comprometimento do Brasil com a preservação da biodiversidade mundial.

Além disso, o governo define uma política muito concreta, no que se refere às suas compras governamentais, ao definir em decreto a prioridade para compras do Estado brasileiro, que tem um poder significativo no que se refere a todas as cadeias produtivas. E isso nós fazemos para fortalecer essas cadeias produtivas comprometidas com a preservação, a chamada economia verde inclusiva, e, ao mesmo tempo, estimulando o mercado de bens e serviços ambientais. Ao fazer isso, sinalizamos a importância que, economicamente, o meio ambiente tem para o governo federal no que se refere ao fornecimento de bens e serviços.

Além disso, nós também assinamos o PNGATI, que é um plano nacional para as populações indígenas, no que se refere a sua gestão territorial e ambiental, e algo que eu considero da maior relevância, que é a formação desse comitê interministerial para dar relevância à questão da saúde e à questão da segurança alimentar dos povos indígenas.

No caso específico da questão da saúde, trata-se de articular o poder logístico e a capacidade de relação do Ministério da Defesa através, por meio, aliás, das Forças Armadas brasileiras e, ao mesmo tempo, do Ministério da Saúde. O que nos move a fazer isso é a certeza que nós precisamos de dar um tratamento especial à questão da saúde indígena.

Quando nós analisamos a pobreza no Brasil, nós constatamos que há uma participação muito expressiva das populações que foram assentadas ou que foram beneficiadas com acesso à terra, como os quilombolas, e também as populações indígenas. O Brasil não pode conviver com esse fato. Um desses fatores, necessariamente, é a atenção e o cuidado com a saúde dessas populações e é isso que nós estamos fazendo neste Dia do Meio Ambiente.

Por que fazemos isso neste Dia do Meio Ambiente? Porque o meio ambiente é, justamente, para nós, um dos principais instrumentos de preservar a condição de sustentabilidade desses povos. E aí, como a Izabella muito bem lembrou, a Bolsa Verde tem um papel expressivo.

Sem dúvida, nós temos muito a celebrar neste Dia Mundial, mas também temos muito o que avançar. A ONU costuma ressaltar em seus documentos que a produção de alimentos e o acesso à água estão no centro do debate ambiental, pois aplacar a fome e saciar a sede de 7 bilhões de seres humanos é o maior desafio ambiental que a humanidade enfrenta hoje em dia. Mas é preciso que nós nos comprometamos com mais. Devemos saciar a fome e a sede agora e sempre de forma perene para nós que estamos aqui, mas também, para as gerações futuras que se seguirão a nós.

Como um dos três maiores produtores de alimentos do mundo e como detentor das maiores reservas mundiais de água doce, o Brasil tem uma grande responsabilidade perante o mundo. Não recuaremos diante deste grande desafio. Vamos alimentar o nosso povo, vamos alimentar o mundo, vamos continuar gerando energia limpa e preservando nossas riquezas naturais.

Tenho certeza que nós buscaremos uma trajetória de afirmar o nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável. Porque nós praticamos aqui, nós todos estamos imbuídos deste conceito de sustentabilidade traduzido nos verbos: incluir, crescer e proteger. Incluir, crescer e preservar. Sustentabilidade é uma agenda ambiental, econômica e social, todos nós sabemos. Mas é importante afirmar porque se não for vista assim, será insuficiente, parcial ou apenas retórica. No Brasil, quando falamos em sustentabilidade, não podemos nos dar ao luxo de achar que isso seja uma mera declaração de intenções. Nós temos de transformar cada vez mais a questão da sustentabilidade numa verdade factual.

Em uma década, é importante sinalizar que nosso Produto Interno Bruto cresceu mais de 40%. Nesse mesmo período 40 milhões de brasileiros ascenderam às classes médias e outras dezenas de milhões saíram da pobreza.

Soubemos crescer-incluir sem abusar dos nossos recursos naturais. Crescemos e incluímos e ao mesmo tempo nos transformamos em uma referência em preservação ambiental. E isso é um exemplo para o mundo na medida em que se afirma a possibilidade real, o exemplo concreto de que é possível perseguir esses três objetivos e realizar esses três verbos.

A participação de fontes renováveis em nossa matriz energética, ela permanece diferenciada quando olhamos para o resto do mundo. Enquanto a média mundial de uso de fontes renováveis na produção de energia no mundo não chega a 13%, no Brasil corresponde a 45%. E nada mais poluente do que a panela desmatamento e uso de energia fóssil.

Não apenas somos um país com a maior extensão de florestas tropicais do mundo, como temos nos capacitado cada vez mais a preservá-las. A ministra Izabella mostrou que mais de 80% da vegetação original da Amazônia permanece intacta e também que, entre 2004 e 2011, o desmatamento na região sofreu uma queda de 78%.

Essa redução é impressionante. Ela é fruto de mudanças na sociedade, mas também ela é fruto da decisão política de fiscalizar e, ao mesmo tempo, da ação punitiva dos órgãos governamentais.

Nós sabemos que dar alternativa sustentável às populações que moram naquela região e, ao mesmo tempo, fiscalizar e impedir o desmatamento são tarefas conjuntas inexoráveis. Uma empurra a outra.

O Brasil responde por 75% das áreas de preservação ambiental criadas no planeta desde 2003. Temos hoje, na soma de todas as áreas de proteção, uma extensão maior que o

território do México.

Desde 2009, o Brasil possui metas de redução de emissões de gases de efeito estufa, assumidas voluntariamente durante o governo do presidente Lula na Conferência de Copenhague. Nos propusemos a reduzir entre 36.1 e 38.9, 36 a 39% as emissões previstas até 2020.

Como temos implementado várias iniciativas firmes para cumprir essas metas, nós podemos dizer que nós atingimos essas metas, parte dessas metas, com uma certa antecipação. São exemplos disso a redução do desmatamento, o programa de agricultura de baixo carbono, a implementação de vários planos setoriais de mitigação da emissão de gás de efeito estufa.

Assim, o Brasil vem construindo um sólido quadro regulatório institucional. A Política Nacional de Mudanças Climáticas e a Política de Resíduos Sólidos ilustram esse quadro. E o novo Código Florestal é o mais recente desses marcos regulatórios.

Senhoras e senhores,

O desenvolvimento, para fazer jus a sua única definição aceitável, deve ser sempre sustentável. É um imperativo ético, mas também o Brasil prova que é um imperativo de eficiência. A nossa agricultura, para ser eficiente e com alta produtividade, terá de ser sustentável.

Proteger nossos rios, criar e preservar matas ciliares, é algo fundamental para a produção e a continuidade da produção em nosso país.

O que nós conseguimos provar é que a utilização de métodos compatíveis com o meio ambiente é a melhor opção para que haja um crescimento sustentável nas diferentes áreas econômicas do país. E, ao mesmo tempo, é um elemento fundamental para integrar as populações brasileiras aos frutos do desenvolvimento.

Crescer, distribuir e usufruir riqueza. Crescer, distribuir renda e usufruir riqueza, sem proteger o meio ambiente, é o pior dos egoísmos e a gente pode dizer que é um egoísmo burro, porque é um egoísmo exercido contra nós, contra nossos filhos, nossos netos, nossos descendentes. É um egoísmo que se exerce e se esgota em si mesmo.

Mas proteger o meio ambiente abrindo mão do crescimento com distribuição de renda e inclusão social é insustentável. É cair na armadilha que quer provar que não é possível dar condições de vida às populações do mundo sem que haja a destruição dos processos negativos que se implantaram no mundo, quando da primeira fase do desenvolvimento industrial e também de várias outras na sequência.

Em recente relatório, o PNUD reconheceu o sucesso do modelo de desenvolvimento inclusivo e sustentável adotado por nós. Destacou, em especial, que esse modelo permitiu que a pobreza continuasse declinando em nosso país mesmo durante a crise financeira global.

O reconhecimento da ONU nos estimula, mas o mais importante é que o povo brasileiro sabe que enfrentamos a crise de 2008 e 2009 com crescimento econômico, estímulo ao consumo e à produção, com a geração de emprego e renda.

Agora, nós vivenciamos a segunda onda dessa crise internacional. E nós, podem ter certeza, saberemos enfrentar essa experiência com mais sabedoria ainda e com melhores instrumentos.

Nós sabemos que é possível enfrentar essa crise e continuar defendendo o desenvolvimento sustentável. A crise não pode ser um argumento para que se interrompa as medidas de proteção ao meio ambiente, como não pode ser um argumento para que se interrompa as

políticas de inclusão social.

E nós estamos vendo de que nada adianta defender políticas de ajuste – e nós sabemos disso, porque sofreremos isso na nossa própria pele – sem que o país cresça.

Por isso, quem aposta na crise – como alguns apostaram há quatro anos atrás – vai perder de novo. Enfrentaremos novas dificuldades com transparência, sem esconder os problemas, mas com metódica e cuidadosa ação governamental. Vamos continuar crescendo, incluindo, protegendo e conservando o meio ambiente.

Essa nova onda que vem do exterior não pode derrotar os povos do mundo. Sistemáticamente, tomaremos medidas para expandir o investimento público, estimular o investimento privado e o consumo das famílias.

O Brasil vai se manter no rumo. As medidas necessárias estão sendo tomadas, e ainda temos um arsenal de providências que serão adotadas quando necessário.

Nos próximos meses, eu quero afirmar aos senhores que o Brasil crescerá e nós manteremos as nossas políticas e o nosso compromisso com a sustentabilidade. Nenhuma de nossas conquistas, nós permitiremos que sejam destruídas ou derrotadas. Não vamos permitir que conquistas ambientais, econômicas e sociais sejam paralisadas e muito menos retardadas. Por maiores que sejam os efeitos, não vamos, como eu disse, abrir mão da sustentabilidade.

Em 15 dias, terá início a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Aproveito para dar as boas-vindas a todos os representantes de governos e cidadãos do mundo que estão por chegar ao Brasil. Aproveito para agradecer, através do embaixador Sha Zukang, o secretário-geral da ONU por todas as iniciativas que, em parceria conosco, foram tomadas pela ONU para viabilizar este evento.

A Rio+20 é uma conferência sobre desenvolvimento sustentável. A Rio+20 tem todo o compromisso do governo brasileiro. E nós acreditamos que é fundamental nesse momento, mais do que outro, nesse momento em que parte da humanidade está em crise, discutir sobre um novo marco que articule de forma harmônica meio ambiente, desenvolvimento econômico e inclusão social, sobre a necessidade de formularmos objetivos de desenvolvimento sustentável e, sobretudo, de cumpri-los ao longo dos próximos anos. Façamos bom proveito dessa oportunidade que temos para tomar decisões e assumir compromissos, que certamente poderão influir muito sobre o resto das nossas vidas e das vidas dos nossos descendentes.

O que todos esperamos é que a crise mundial, gerada pelo excesso de ganância, pela falta de controle sobre os mercados, não seja pretexto para uma vitória do excesso, da ganância e da falta de controle sobre os recursos naturais.

A crise mundial não pode ser impedimento para que avancemos na construção de acordos em torno da tríade crescer, incluir e preservar, que sabemos todos nós que no Brasil é possível, quando há vontade política de todos os brasileiros e brasileiras, governo e sociedade.

Eu queria aqui, primeiro, dar um Viva para o Dia Mundial do Meio Ambiente, dizer que está aberta a Rio+20 e que nós desejamos a todos nós que vamos participar sabedoria para conseguirmos cumprir os desafios que o resto do mundo espera de nós.

Agradeço mais uma vez aos representantes aqui da Organização das Nações Unidas e cumprimento a ministra Izabella, em nome de quem eu cumprimento todos os ministros do governo. A ministra Izabella representa um compromisso que é de cada um dos ministros. A questão do desenvolvimento sustentável não é só uma questão do Ministério do Meio

Ambiente. É uma questão de todo o governo.

Um abraço a todos e viva a Rio+20!

▣
Ouça a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-comemoracao-do-dia-mundial-do-meio-ambiente-brasilia-df>) (25min39s) da Presidenta Dilma

11-06-2012 - Mensagem da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião da comemoração do Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo e da imposição da Comenda da Ordem do Mérito Naval

Grupamento dos Fuzileiros Navais - Brasília-DF, 11 de junho de 2012

A Marinha do Brasil celebra, uma vez mais, sua Data Magna, que nos evoca a Batalha Naval do Riachuelo, decisiva na campanha que culminou na vitória da Tríplice Aliança. O desenrolar da Batalha registrou feitos memoráveis, que se imortalizaram na memória de nossa nação.

Os heróis de Riachuelo cumpriram sua missão dando claras demonstrações de profissionalismo e bravura. Exemplos de qualidades próprias do povo brasileiro, como a capacidade de superação e a persistência, esses heróis escreveram, com amor à pátria, uma página de nossa história.

A Marinha do Brasil tem honrado esta história. A atuação desta Força no apoio às ações de segurança pública no estado do Rio de Janeiro, em operações de defesa civil em diversos episódios de calamidade ambiental, nos contingentes de apoio à paz no Haiti e no Líbano e na assistência às populações ribeirinhas do Norte e do Centro-Oeste, por meio dos navios-hospitais, carinhosamente conhecidos como “Navios da Esperança”, são excelentes exemplos.

Em especial porque desempenhadas sem prejuízo das atribuições de vigilância e proteção de nossas águas jurisdicionais, da “Amazônia Azul” e das extensas malhas hidroviárias das bacias dos rios Amazonas e Paraguai-Paraná, às quais nossos marinheiros e fuzileiros navais têm se dedicado com absoluto comprometimento.

Somos um país que defende a paz, que respeita a soberania das demais nações e que vive em harmonia com seus vizinhos há mais de 140 anos. Na atual ordem global, vimos assumindo uma posição político-estratégica que impõe ao Brasil novas atribuições e desafios na defesa da paz.

Sabemos que nosso papel na preservação da paz depende da capacidade dissuasória do Brasil. A atuação de nossas Forças Armadas neste processo, seja por meio de missões sob a égide da ONU e da OEA, seja na defesa de nossas fronteiras e de nossa soberania, requer equipamentos de qualidade, prontos a serem utilizados, e pessoal adequadamente preparado e motivado.

Diante dessa realidade, os esforços de reaparelhamento da Marinha são uma exigência estratégica. O avanço do Programa de Desenvolvimento de Submarinos resultará na construção do almejado submarino com propulsão nuclear. Os investimentos que vêm sendo efetuados em novos navios-patrolha propiciarão o aumento da presença do Estado nas águas jurisdicionais, onde se situa a maior parte de nossas reservas de petróleo e gás.

Iniciativas como essas contribuirão para capacitar cada vez mais a Marinha a exercer, com a reconhecida competência, papel central na defesa de nosso país e de nossas riquezas.

Como Grã-Mestra da Ordem do Mérito Naval, cumprimento os agraciados com tão nobre comenda, que representa o reconhecimento pelo muito que já realizaram e pelo que ainda são capazes de fazer por essa exemplar Força e pelo Brasil. Estou segura que todos devem estar muito orgulhosos!

Dirijo-me, por fim, aos integrantes da Marinha, homens e mulheres, militares e funcionários civis, concitando-os a que, espelhados nos exemplos do Almirante Barroso e de tantos heróis de Riachuelo, mantenham a motivação, o profissionalismo e a dedicação. O progresso e o engrandecimento da nossa Marinha são parcela indissociável daquilo que desejamos para o Brasil.

Parabéns pela sua Data Magna!

■

DILMA ROUSSEFF
Presidenta da República Federativa do Brasil

12-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante visita ao Hospital Sofia Feldman

Para a presidenta, esse é um capítulo importante para seu governo porque se trata da proteção da criança e da mãe. E, para essa proteção da criança e da mãe, é importante contar com essa parceria entre o Ministério da Saúde, o governo do estado e as prefeituras

Belo Horizonte-MG, 12 de junho de 2012

Eu vou falar aqui, gente. E queria, primeiro, cumprimentar o nosso prefeito Márcio Lacerda, o governador Anastasia. E dizer que nós estamos presenciando aqui, neste momento, um ato que eu considero muito importante.

Vou cumprimentar, também, o Ivo, e agradecer a recepção ao Ivo, que é diretor-administrativo aqui do Hospital Sofia Feldman. Vou agradecer a fraternidade, o calor e a emoção com que eu fui tratada aqui, tanto pelos funcionários como pelo diretor, até também pelas mulheres grávidas que estão aqui.

E dizer para vocês que esse é um capítulo importante do meu governo. É um capítulo importante porque se trata da proteção da criança e da mãe. E, para essa proteção da criança e da mãe, é importante contar com essa parceria entre o Ministério da Saúde, o governo do estado e as prefeituras e aqui, em especial, a Prefeitura de Belo Horizonte, do prefeito Márcio Lacerda.

Nós fizemos o programa Rede Cegonha porque um país tem de ser medido por alguns métodos. Eu não sou daquelas pessoas que acham que não tem importância o Produto Interno Bruto. Tem sim, é uma das referências. Mas eu acredito que entre essas referências, uma delas deve se destacar para todos nós, que é o que este país está fazendo para as mães e para as crianças. Porque as mães e as crianças – e aí não vai nenhum, quero adiantar, nenhuma desconsideração com os nossos companheiros homens, nenhuma – mas a mãe e a criança, elas representam num país o que é o futuro, porque significa que a mãe ou a gestante é a possibilidade de futuro. Garantir essa possibilidade de futuro é muito importante. Por isso, o Ministério da Saúde iniciou esse Programa, e acho que iniciou de uma forma muito efetiva. Nós estamos, aqui, não só preocupados com investir na Rede Cegonha, mas também em custear as operações do Rede Cegonha.

O Ivo, o doutor Ivo, administrador do hospital, estava dizendo para mim que se não houvesse o Rede Cegonha, ele, praticamente, teria dificuldades de dar continuidade ao funcionamento aqui do hospital, o que seria uma pena. E isso não vem em detrimento nem do prefeito, nem do governador, nem do governo federal, mas é um reconhecimento de que na área de prestação de serviços não basta investir. Tem de garantir o custeio, porque o custeio, muitas vezes, o custeio de um ano equivale ao investimento inicial. E, a partir daí, você vai ter de custear sempre. Você vai ter de custear o primeiro ano e, indefinidamente, até o final dos tempos em que o hospital for novamente objeto de um investimento e se recuperar. Então, o

custeio, para ser parceiro no custeio, é uma coisa importantíssima. Ser parceiro no custeio.

Eu acho que, no caso dos serviços, nós temos de buscar não só uma qualidade de custeio, e, obviamente, para buscar essa qualidade de custeio nós vamos ter de buscar uma qualidade de gestão, principalmente quando se trata de programas que nós temos certeza que eles precisam de ter durabilidade.

Esse programa chamado Rede Cegonha, ele tem de ter durabilidade. Nós temos de garantir isso sistemática e sustentavelmente. Não pode ter solução de continuidade para a gente garantir o quê? A qualidade da prestação de serviço para as gestantes e para o bebê. É fundamental que tenha todo o tratamento pré-natal e pré-parto. É fundamental que se tenha, quando se trata de gestante, que a gente tenha unidades de referência para que as gestantes que estejam ameaçadas de qualquer risco possam ter um atendimento adequado para si e para o bebê. E isso é algo que nós temos de buscar de forma sistemática.

Então, eu estou aqui muito feliz, muito feliz porque nós temos essa parceria. Muito feliz porque essa parceria resulta no investimento do Ministério da Saúde, pelo ministro Padilha, num programa que nós consideramos um dos prioritários do governo, que é o Rede Cegonha.

Em segundo lugar, porque eu sei que vocês acompanharam e vocês viram que nós lançamos um programa chamado Brasil Carinhoso. O Brasil Carinhoso, ele tem um objetivo que se completa... que completa o Rede Cegonha, mas que é um outro objetivo, vamos dizer, um objetivo focado em crianças, nas crianças mais pobres deste país, que quando são muito... as crianças, são aquela parcela da população pobre que é mais vulnerável de todas.

Nós temos uma distribuição, no Brasil, de renda, por faixa etária, um tanto ou quanto perversa. Por quê? Ela se concentra mais quanto mais velha a população. Isso significa que a gente vai tirar direito da população mais velha? Nem pensar. Significa que nós temos de dar direitos à população mais nova.

E aí, no Rede Cegonha, isso se dá num processo universal. Nós tratamos universalmente a gestante do Sistema SUS que esteja com risco de Vida. No Brasil Carinhoso, o que nós fizemos? Nós focamos naquela parcela da população mais pobre. E o que nós pensamos? Você não tem como tirar a criança de uma situação de vulnerabilidade de renda, porque a criança não ganha dinheiro. Para você tirar a criança, você tem de tirar a família, para tirar a família, então, nós criamos aquele programa que dá R\$ 70,00 de renda mínima para todo adulto ou todos os integrantes de uma família que tenha pelo menos uma criança até 6 anos de idade. Então, se a família tem 5, 5 vezes 7, 35, vai ganhar um mínimo de R\$ 350,00. Isso significa um processo pelo qual nós queremos dar sustentabilidade para quem tem de zero a 6 anos e que integre uma família, que é uma daquelas pessoas que são os 16 milhões de gente que vive abaixo da linha da pobreza.

Então, vocês percebiam que, junto com isso e com o Rede Cegonha, e esses hospitais de referência, nós estamos construindo uma rede. Essa rede tem vários elos. Mas, certamente, o Rede Cegonha é um dos mais importantes, porque nós garantimos um tratamento de qualidade para uma mulher que tem na barriga um filho, e queremos que esse filho nasça nas melhores condições possíveis. Com isso, o que nós estamos tentando é construir, no Brasil, de fato, um sistema em que haja a proteção de certas populações que são cruciais.

A mesma coisa acontecerá também com os homens. Eu não vou aqui entrar numa grande consideração a respeito do câncer de próstata, mas tenho certeza que o ministro Padilha já fez algumas campanhas nesse sentido, o que é muito importante porque nós precisamos dar um serviço de qualidade à saúde.

Por que o ministro Padilha está hoje aqui também lançando a questão das UBS, das Unidades Básicas de Saúde? Porque nós temos um compromisso. Qual é o compromisso do meu governo com a área de saúde? Nós queremos que o que exista, funcione. Então, a Unidade Básica de Saúde tem de funcionar e, para funcionar, tem de ter qualidade. Nós não queremos uma Unidade Básica de Saúde sucateada.

Então, o dinheiro vai servir, sim, para ampliação, reforma e construção de novas [Unidades], mas vai servir também para melhorar as velhas, porque uma Unidade Básica de Saúde existente e que funcione é uma garantia para a população daquele município. Muitas vezes a pessoa tem a tendência de querer fazer uma nova, quando tem uma que está aqui e está sucateada. Então, é possível, sem a gente entrar nesse conflito, nessa “escolha de Sofia”, reconstruir a Unidade que está sucateada, que pode prestar serviço à população, dar qualidade de custeio também para ela e recompor a Unidade Básica (falha no áudio) ou construir uma nova.

O mesmo vale para Unidades... para UPAs. Nós podemos pegar uma UPA e construir uma novinha em folha, num novo local, como podemos também localizar e detectar uma UPA ou uma unidade que pode virar uma UPA, com padrão UPA, e transformá-la num padrão UPA. Isso significa potencializar todos os recursos que nós temos.

Por isso, eu fico muito feliz de participar aqui desta cerimônia. Dou os parabéns ao Ivo. Quero dizer para o Ivo que é, de fato, um desafio grande o que ele hoje dirige aqui, no Sofia Feldman, e quero dizer para ele que fiquei, assim, muito emocionada com o recebimento. E queria agradecer também às crianças e às mães que me mandaram um cartão, que eu vou mostrar para vocês porque ele é muito bonito. É um cartão das crianças e esses pontinhos coloridos são os dedos delas, que elas me mandaram.

Eu encerro (falha no áudio). É, de fato, um dos melhores agradecimentos que a gente pode ter.

Muito obrigada.

▣
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-visita-ao-hospital-sofia-feldman-belo-horizonte-mg-11min47s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-visita-ao-hospital-sofia-feldman-belo-horizonte-mg-11min47s>) (11min47s) da Presidenta Dilma

12-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura do Termo de Compromisso para a elaboração do projeto executivo das obras de reformulação e modernização do Anel Rodoviário de Belo Horizonte

Belo Horizonte-MG, 12 de junho de 2012

Queria cumprimentar o governador Antonio Anastasia,

Cumprimentar, aqui, os ministros que me acompanham: Paulo Sérgio Passos, dos Transportes; Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social,

Cumprimentar o senhor Alberto Pinto Coelho, vice-governador de Minas Gerais,

O desembargador Cláudio Costa, presidente do Tribunal de Justiça de Minas Gerais,

Os senadores Clésio Andrade e Zeze Perrella,

Os deputados federais Gabriel Guimarães, Luis Tibé, Miguel Corrêa, Reginaldo Lopes e Weliton Prado,

Senhores deputados estaduais,

Meu querido prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, por intermédio de quem cumprimento os prefeitos e as prefeitas presentes, destacando a Marília Campos, de Contagem, e o prefeito William Borges, de Sabará,

Cumprimentar o diretor-geral do DNIT, Jorge Ernesto Pinto Frast,

Cumprimentar o secretário estadual dos Transportes e Obras Públicas, deputado Carlos Melles,

Cumprimentar o senhor José Elcio Santos Montese, diretor-geral do Departamento de Estradas e Rodagens de Minas Gerais,

Cumprimentar os senhores fotógrafos, cinegrafistas, as senhoras e os senhores jornalistas.

Eu volto a Belo Horizonte, mais uma vez, e gostaria de explicar para vocês por que é muito importante que nós estejamos aqui fazendo essa parceria com o governo do estado. Na verdade, eu nasci aqui, aqui perto, aqui na Rua Sergipe. Quer dizer, eu não nasci na Rua Sergipe, eu nasci no Hospital São Lucas. Mas eu vivi aqui neste entorno. Eu aprendi a andar, segundo diz minha mãe, pelo menos, na Praça da Liberdade. E ia muito ao Minas Tênis

Clube e aqui não tinha muro naquela época, para vocês verem que é longe para danar. E a gente, simplesmente, passava por dentro do jardim do Palácio. E eu achava esse jardim imenso e o palácio maravilhoso. Eu continuo achando... O jardim nem tão imenso, mas o palácio eu continuo achando maravilhoso.

E creio que, naquela época, Belo Horizonte ainda não tinha transbordado dos limites da Avenida do Contorno. Acho que a Avenida do Contorno ainda contornava. Estava começando o transbordamento da Avenida do Contorno. E, quando se fez o anel rodoviário, o anel rodoviário era algo longínquo. Até antes de eu sair daqui, na década de 60, o anel rodoviário ainda contornava, dava pelo menos um certo conforto de contorno. Na verdade, o que nós estamos fazendo ao reformar este anel, nós estamos fazendo uma via urbana, porque a cidade cresceu e extravasou. Assim como ela extravasou os limites da Avenida do Contorno, ela extravasou os limites desse anel. E aqui, nós estamos fazendo isso numa parceria com o estado de Minas Gerais.

Eu, de fato, tive a iniciativa de passar essa obra para o estado de Minas Gerais por reconhecer a característica urbana dela. Ela, apesar de ser feita numa rodovia, era uma rodovia que foi feita numa época, que, de fato, tratava-se de uma rodovia nos limites da cidade. Hoje, uma parte desse anel, significativa, é uma avenida dessa cidade. Mostra não só o imenso crescimento que Belo Horizonte teve nos últimos anos, como também mostra a necessidade de que essas parcerias federais, estaduais e municipais ocorram. E nós queremos focar a nossa atuação, com o DNIT aqui, numa questão rodoviária, que é o Rodoanel mineiro, que a gente chama. Vocês talvez tenham outro nome. Eu já te perguntei duas vezes, Anastasia, qual é o nome local que se dá. Nós chamamos de Rodoanel mineiro. Por que? Porque tem Rodoanel em São Paulo, tem Rodoanel no Rio de Janeiro. Então, aqui terá um Rodoanel. E nós queremos focar - e aí, também, a continuidade dessa parceria é importante -, nós queremos focar nesse Rodoanel, porque nós sabemos que o que nós estamos fazendo nesse anel rodoviário, resolve sim o problema. Ninguém faz reforma de R\$ 1,5 bilhão. Reforma de R\$ 1,5 bilhão é uma reforma tanto quanto custosa. Então, não é uma reforma. Nós estamos de fato construindo vias adequadas.

Mas o que é, também, relevante é que nós temos a decisão e temos de construir como fazê-lo. É bom lembrar que alguns... O Rodoanel de São Paulo tem, por exemplo, de 10 a 12 anos. Foram fazendo por partes. O anel aqui é um pouco menos complexo, não tão complexo como é o anel de São Paulo.

Mas, o que nós estamos nos dispendo, é fazer uma parceria - e isso que muito gentilmente, tanto o governador quanto o ministro deixaram para eu anunciar - nós estamos fazendo uma parceria entre o estado, entre a prefeitura e o governo federal para esse anel. O prefeito Márcio Lacerda entra com o projeto do tramo leste. O governo federal entra com o projeto e, obviamente, vai arcar com os custos da construção do Sul e do financiamento do trecho leste. Não fica triste não, Márcio, é financiamento e OGU. E o governador Anastasia me disse que fará um modelo de PPP no trecho norte. Aí nós temos encaminhados esses, vamos dizer, três triângulos que fecham, então, o Rodoanel.

Nessa divisão é possível fazê-lo num tempo rápido. Tempo rápido de Rodoanel. Lembrando bem que o de São Paulo nós estamos há 10 anos construindo dada a complexidade da obra, que é uma obra rodoviário-urbana, que é a mais difícil que tem. Porque impacta a vida das pessoas, interrompe o trânsito ou, no caso aqui, eu não acho que seja esse o grande problema, mas tem desapropriações e providências mais complexas de licenciamento. Mas eu acredito que essa seja a grande iniciativa que nós podemos dar à essa parceira, sempre muito bem sucedida, quando se alia estado, município e a União.

Só é possível, no Brasil, uma ação efetiva no sentido de superar alguns gargalos e alguns

problemas se nós tivermos essa visão integrada. A última vez que eu estive aqui, eu tive muito prazer de fazer uma grande parceria, também, aí mais centrada na prefeitura, mas também com a participação do governo do estado, que foi o nosso metrô. E acredito que outras parcerias muito importantes, nós temos aqui com o prefeito Márcio, que eu reputo como um dos melhores prefeitos desse país e também pelo fato de que é sempre garantido que quando a gente faz uma parceria com o Márcio eu sei que é uma parceria que vai apresentar os frutos, vai dar resultado e nós vamos ter a possibilidade de ver concretamente os efeitos dela.

Então, eu fico muito feliz de estar aqui mais uma vez. Fico feliz também, porque nós estamos em um momento especial no Brasil. Nós estamos em um momento que antecede a semana, que antecede a Rio+20. A Rio+20 é uma conferência que tem uma extraordinária importância, principalmente, quando nós consideramos que ela trata de uma questão que para mim está na ordem do dia, que é a questão do desenvolvimento sustentável. A questão do desenvolvimento sustentável. Por que é uma questão que está na ordem do dia? Ao contrário do que muitas pessoas acham, que o fato que a crise econômica pode tirar a atenção das questões suscitadas pelo desenvolvimento sustentável, eu considero que pelo contrário. O tamanho e a dimensão dessa crise, ela tem de fazer com que os nossos olhos se dirijam para um conceito de desenvolvimento, em que os três eixos do desenvolvimento sejam integrados. Que eixos? O eixo de que é possível crescer economicamente. É possível ter um país se desenvolvendo economicamente. Para que ele se desenvolve economicamente que não seja para suas pessoas, ou seja, para a sua população? Então, que cresça e inclua essas pessoas, que inclua sua população, que seja um desenvolvimento do ponto vista social, um desenvolvimento com justiça. E que, ao mesmo tempo, respeite o meio ambiente. É esse o grande desafio dessa conferência Rio+20. E por que isso é atual? Porque nós vivemos hoje no mundo e que nós estamos vendo, e recentemente o último dado internacional, que chama atenção, é o fato de que mais um vez as autoridades da zona do euro respondem a uma crise que se aprofunda e que se torna uma crise quase crônica, respondem com 100 bilhões de euros de financiamento dos bancos. Mas é verdade que responde com isso. A pergunta é: Até quando esses 100 bilhões de euros? E vamos lembrar bem que, no final do ano passado, foram 1 trilhão de euros também para os bancos e que não resultou numa reciclagem da dívida.

Nós vivemos nesse mundo em que a crise do sistema bancário se sobrepõe à crise soberana dos países e, tudo indica que, se não forem tomadas medidas, e essas medidas não são dinheiro, essas medidas são mudar o padrão de crescimento e a visão que se tem dos processos de ajustamentos, o que nós temos grande, mas grande experiência. Nós ficamos 10 anos, vocês lembram bem, 10 anos com um rebatimento para mais cinco, uns 15 anos, nós ficamos num processo de crise de dívida, de inflação, de recessão, de desequilíbrio e de desemprego.

Nós sabemos que um país não sai da crise, pelo contrário, ele cria para ele mesmo uma armadilha. Cada vez que ele corta um gasto, que ele para de investir, ele provoca o que está produzindo a Europa. A Europa está numa profunda crise. Quem tem segurando os outros países – os Estados Unidos também não estão bem, todo mundo sabe disso, basta ler jornal, não recuperou como se esperava, quem está segurando isso são os países emergentes. Os países emergentes sofrendo as consequências disso. Houve uma retração brutal dos mercados.

Agora, nós temos de enfrentar mais uma vez essa crise com os nossos próprios recursos. Os nossos próprios recursos são os recursos que nós construímos ao ampliar o mercado interno deste país, que era um mercado interno, vamos lembrar bem, extremamente restrito. A partir do governo do presidente Lula, nós conseguimos ampliar o mercado interno. E praticamente,

para a gente ter uma idéia da dimensão, transformamos em consumidores, em produtores, em trabalhadores, 40 milhões de brasileiros que foram elevados à condição de potencializar o nosso mercado interno. Além disso, os nossos próprios recursos significam que nós fizemos a nossa parte no dever de casa nosso. Nós temos, hoje, um volume de reservas que faz com que o Brasil tenha suas defesas no que se refere à volatilidade cambial e aos problemas de financiamento, que crises desse tipo, que ocorreram e que estão ocorrendo, que ocorreram com o *Lehman Brothers* e que estão ocorrendo nos mercados bancários europeus, que é uma chamada fuga para a segurança.

Hoje, há uma dúvida a respeito da situação da segurança dos investidores em certas economias, que faz com que esses investidores procurem, apesar da crise nos Estados Unidos, procurem se defender investindo em títulos do Tesouro americano. Isso leva a essa volatilidade que todo mundo está assistindo no cenário internacional. O interbancário europeu está praticamente fechado, têm problemas nos bancos, como nós vimos no caso dos bancos espanhóis e vários jornais internacionais, a crer neles, outros países se tornarão a bola da vez.

Enquanto isso, aqui no Brasil, nós somos um país que está caminhando para alterar as condições de investimento. Alterar as condições de investimento no Brasil significa o seguinte. Primeiro, tem de reduzir o custo de capital do país. Reduzir o custo de capital do país é reduzir juros. Não se faz isso por decreto, se faz isso perguntando: afinal de contas, qual é a nossa diferença que explica juros, que explica tecnicamente – eu não estou perguntando explicação política para isso, estou perguntando a explicação técnica – para diferenciais de juros que não se compadecem com a qualidade da nossa situação econômica. Por quê? Porque além de termos a inflação sob controle, somos um país que fez o seu dever de casa e tem as suas finanças públicas sob controle. Temos uma das menores relações dívida/PIB do país. Então, temos de reduzir o custo do capital.

Precisamos, sim, melhorar a produtividade do trabalho. Por isso, tivemos o cuidado de apostar num programa em parceria com as entidades empresariais, um programa que é de formação e capacitação profissional, que é o Pronatec. E aí eu agradeço à Confederação Nacional da Indústria, a CNI, o mineiro, inclusive, Robson Andrade. Agradeço também à FIESP, agradeço à FIEMG, agradeço à FIERGS, agradeço às federações, e os respectivos Serviços Nacionais da Indústria que são parceiros nossos nesse desafio.

Temos talvez um dos maiores – eu não vou dizer o maior, porque eu não sei o que os chineses estão fazendo –, mas temos um dos maiores programas de formação, no exterior, de jovens brasileiros, que é o Ciência sem Fronteiras. Colocamos nisso mais de R\$ 3,5 bilhões para que cem mil brasileiros estudem no exterior, estudem ou façam pesquisa no exterior, façam estágios em empresas, e trazendo também professores e estudantes para cá.

Não estamos fazendo uma política de gasto fácil no Brasil. Nós estamos voltados para perseguir o investimento e iremos perseguir o investimento. Não é algo trivial. Aliás, tem várias pessoas que deram para me dar conselho, que não são responsáveis por nenhum investimento antes de 2003. Não são. Não são, porque este país não investia. Quando nós começamos a fazer o PAC, a dificuldade para fazer o PAC era enorme, porque não tinha projeto. E por que não tinha projeto? Porque não tinha consultoria, não tinha empresa de consultoria neste país. Quando a Petrobras começava a contratar, as empresas começavam a contratar, sabem o que acontecia? Congestionava o fornecimento de projeto no Brasil, porque elas tinham fechado e levaram um tempo para abrir e levaram um outro tempo para adquirir competência.

Além disso, este país teve de aprender a gastar outra vez. E não foi só o governo federal. Foram as prefeituras, foram os estados. Perguntar se ainda hoje já sabe gastar direitinho, eu

diria assim: estamos numa fase de aprendizado bastante adiantado, mas precisamos ainda nos apurar muito, de reduzir os prazos, de melhor qualidade dos projetos.

Além disso, o governo federal tem uma preocupação muito grande com a parceria com os estados e municípios. E, por isso, estamos – eu, inclusive, convidei o governador –, estamos marcando uma reunião para sexta-feira, no sentido de fazer um processo muito similar ao que fizemos em 2009 com os governos, no que se refere a um programa exclusivamente de investimentos. Eu acredito que nós, no segundo semestre, a partir de agora, nós teremos um processo cada vez mais contínuo de crescimento dos investimentos do Brasil. Não acho que essa história que não é necessário consumir é verdade. Não concordo com isso. Não concordo com a história que não é preciso estimular o consumo. Acho que o estímulo ao consumo vai da característica intrínseca do nosso modelo, que é um modelo de desenvolvimento com inclusão social. Estranho seria se o modelo que tem de levar 16 milhões de brasileiros e de brasileiras a ter um padrão mínimo de consumo e renda não fizesse ampliação do consumo no país. Por quê? Porque nós temos ainda um consumo extremamente reprimido das classes populares desse país. É uma visão absolutamente equivocada achar que quem não tem uma melhoria de renda não quer comprar uma televisão, uma geladeira, um forno de microondas, uma máquina de lavar. Isso não tem nenhum problema. O Brasil comporta isso. Não temos um nível elevado de endividamento das famílias, não. É só pegar os padrões internacionais de endividamento e olhá-los. Além disso, eu considero que o Brasil tem esse grande potencial justamente por isso. Por ser uma economia emergente em transição, que não é uma transição rápida para uma economia que pode ser uma economia de classe média. Nós ainda não somos. Temos milhões de brasileiros sem casas. Temos milhões de brasileiros sem saneamento.

E aí eu acho interessantíssimo considerar que o gasto em financiamento de moradias é consumo. O gasto em financiamento de moradias – e aqui eu estou vendo o Paulo Safady, os R\$ 120 bilhões que o governo coloca no Programa Minha Casa, Minha Vida não podem ser considerados custeio. Porque sem esses 120 bilhões não teria a explosão de criação de oportunidade, de investimento na construção civil que nós estamos tendo. Não que seja só isso. Não, o sistema brasileiro de poupança e empréstimo tem o seu papel. Agora, essa ação das inversões privadas na área da construção civil tem toda justificativa para ser tratada, do ponto de vista econômico e técnico, como investimento. Porque é investimento direto da construção civil. E melhor ainda, sem bolha, porque nós sabemos de onde vem o dinheiro. Ele não tem mercado secundário, não é especulativo. E entende que o endividamento das famílias do Brasil não suporta, principalmente nas classes de menor renda, não suporta preços de mercado puro e simples. Então, aos preços de mercado, se acrescenta subsídio direto do governo. O governo subsidia sim, se isso, em um certo momento do passado, foi visto como algo incorreto, eu quero ver hoje quem defenda que isso é incorreto. Quem defenda num país como o nosso que o acesso à casa própria de milhões de brasileiros que ganham até R\$ 1.600,00, por exemplo, pode ser feita a preço de mercado. Sem subsídio. Não pode, não será e nunca aconteceu. Por isso, que esse programa é o sucesso que é. Tem problemas? Há têm. Nós sabemos que têm, mas são problemas nossos, ou seja, a gente tem muito orgulho dos problemas. Porque a gente resolve os problemas. Aliás, nós fizemos esse programa em parceria com os empresários.

Eu queria dizer para vocês que o Brasil tem forças internas para enfrentar essa crise. Ele é diferente dos outros países da Europa que não têm forças internas. O que nós temos? Nós temos, nós estamos muito bem fincados nos nossos próprios pés. Nós temos política econômica consistente. Nós não temos uma visão que acha que o ajuste é justificável e pode levar a que 54% da população de jovens de um país fique sem emprego. Nós nunca achamos isso. Nós temos uma política de defesa do emprego brasileiro, sim. E aí, eu quero

aproveitar a oportunidade e dar uma informação para os senhores.

É muito dito que o conteúdo nacional, que nós exigimos que ocorra em vários segmentos da indústria, onde o Estado é o grande comprador e o grande demandador - com o dinheiro de quem? Do povo brasileiro - seja fornecido com produtos aqui do país. Gerados por empregos brasileiros com trabalho brasileiro. Tem muita gente que fala mal da política de conteúdo nacional. E diz o seguinte: a Petrobras tem investimentos atrasados, porque está produzindo sondas no Brasil. Ora, é verdade. Nós queremos produzir sondas no Brasil. Quando resolvemos que íamos produzir sondas no Brasil, você não faz assim e começa a produzir sonda. Vai ter de ter empresa que produza sonda, vai ter de ter estaleiro. Tinham desmantelado os estaleiros deste país. Eu sei porque eu, pessoalmente, fui mandada pelo presidente Lula para ir olhar o problema da produção de sondas no país.

Pois bem. Dizem que hoje a Petrobras está com a produção atrasada porque não deixou livre a importação de sondas. Tinha de importar do exterior. Há uma má informação aqui, que eu lamento muito a má informação. Mas eu queria dizer o seguinte para os senhores. Como nós não tínhamos os estaleiros nem as empresas prontas para produzir sonda – era uma política de incentivo –, nós dissemos assim: A partir de 2013 ou [20]15” – eu não lembro bem – as sondas serão aquelas produzidas no Brasil. Até lá vai ter de importar. Sabe quem é que atrasou a entrega de sondas? Vocês sabem? Foi alguma empresa nacional, por causa da política de conteúdo local? Não foi, não foi, não foi. O atraso na entrega de sondas é das sondas contratadas no exterior, que tem atraso de um ano, tem atraso de 18 meses e tem atraso de 24 meses dos fornecedores.

Então, vamos parar de atribuir a uma política correta do país, que é feita – vamos lembrar bem –, é feita pelos Estados Unidos, é feita pela França, que é uma política de fornecedores, de tratamento de fornecedores, exigindo participação nacional, e vamos entender que na área de fornecimento de equipamentos, não só na eventualidade futura nós podemos atrasar, como os fornecedores internacionais também atrasam. Pagam multa, é claro. Pagam multa, mas atrasam, que isso acontece.

Então, eu, hoje, resolvi falar aqui em Minas Gerais, primeiro pelo seguinte: porque eu acredito nessa parceria. O Anastasia é de um partido, eu sou de outro. Nós não temos o mesmo posicionamento diante da realidade política, mas temos o mesmo posicionamento republicano. Eu tenho no Anastasia um parceiro. E eu tenho certeza, e respeito esse fato, que o Anastasia é um grande político brasileiro, com noção de país. E tenho certeza que ele é um dos parceiros estratégicos para o Brasil ter pernas próprias para enfrentar essa crise.

É porque eu tenho governadores da qualidade do governador Anastasia, porque tenho prefeitos da qualidade do Márcio, que nós hoje temos condição de enfrentar a crise. Prefeitas como a Marília, que está aqui presente. Por quê? Porque o Brasil, é óbvio que o governo federal tem força suficiente para botar um conjunto de projetos na rua, mas o governo federal só é forte em parceria, só é forte em parceria. Ninguém aqui pode achar que sem a parceria, a equipe, nós todos pegando juntos, nós enfrentamos essa crise.

Por que o governo federal fica preocupado com o investimento federal? É porque nós somos... nós não respeitamos o investimento privado? Pelo contrário: o que nós sabemos é que o investimento privado é pró-cíclico, ou seja, é mais factível de ser influenciado por uma conjuntura de insegurança. O Estado é menos pró-cíclico.

Então, eu conto com o prefeito Anastasia, aliás, com o prefeito Márcio e o governador Anastásia para que nós, juntos, façamos esses projetos e continuemos mantendo a taxa de investimento sempre em crescimento. O Brasil tem essa dificuldade? Tem. Uma das partes – isso eu sempre disse – é: câmbio, juros e impostos. Nós temos sempre de enfrentar esses

três. Por quê? Eu diria assim, desamarrar esse nó é uma forma, também, de viabilizar o investimento público. O Brasil Maior – o ministro Fernando Pimentel está aqui – o Brasil Maior é um processo desse enfrentamento.

Agradeço a todos e também as sugestões, porque eu leio essas sugestões e fico muito feliz. Até porque, até outro dia o governo que fizesse investimento público era intervencionista. Agradeço a percepção de que é fundamental que o governo invista, quando temos de enfrentar o crescimento de um país da dimensão do Brasil.

Muito obrigada a todos.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-do-termo-de-compromisso-para-a-elaboracao-do-projeto-executivo-das-obras-de-reformulacao-e-modernizacao-do-anel-rodoviario-de-belo-horizonte\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-do-termo-de-compromisso-para-a-elaboracao-do-projeto-executivo-das-obras-de-reformulacao-e-modernizacao-do-anel-rodoviario-de-belo-horizonte) (33min58s) da Presidenta Dilma

13-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura do Pavilhão Brasil na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável - Rio+20

"Nós abrimos aqui o Pavilhão do Brasil para mostrar a todos os brasileiros e ao mundo um pouco do que o nosso país tem feito pelo desenvolvimento sustentável ao longo dos últimos anos", disse a Presidenta

Rio de Janeiro-RJ, 13 de junho de 2012

Eu queria, primeiro, cumprimentar as autoridades aqui presentes.

O governador Sérgio Cabral, governador do Estado do Rio de Janeiro.

Cumprimentar os senhores e as senhoras embaixadores acreditados junto ao meu governo e membros do corpo diplomático.

Queria cumprimentar o secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, senhor Sha Zukang e cumprimentar também sua senhora, a senhora (incompreensível).

Cumprimentar os ministros de Estado aqui presentes. Cumprimentando a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann; e a ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira; e o ministro Antonio Patriota, das Relações Exteriores.

Queria cumprimentar, também, o vice-governador do Estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão.

Cumprimentar, também, o presidente da Assembleia Legislativa, aqui do Estado, deputado Paulo Mello.

Senador Rodrigo Rollemberg.

Senhoras e senhores deputados federais.

Senhor Eduardo Paes, meu querido prefeito do Rio de Janeiro.

Senhor Mauricio Borges, presidente da Agência Brasileira de Exportações e Investimentos, Apex.

Queria, também cumprimentar o senhor Marcelo Dantas, curador da exposição do Pavilhão Brasil.

Senhores jornalistas, senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores.

Estamos a uma semana da abertura oficial da Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

É uma honra para o Brasil sediar uma conferência mundial, cujo objetivo é firmar compromissos importantes sobre o futuro que todos nós, governantes e cidadãos, queremos para nós e para os nossos descendentes.

Hoje, aqui nessa cidade, nessa cidade que o poeta chamou de Cidade Maravilhosa e que tem o privilégio de sediar esta conferência, nós assistiremos ao longo dos próximos dias a discussão sobre o futuro que queremos para nós, o futuro que queremos para nossos filhos e nossos netos e o presente que temos a responsabilidade de transformar.

Nós abrimos aqui o Pavilhão do Brasil para mostrar a todos os brasileiros e ao mundo um pouco do que o nosso país tem feito pelo desenvolvimento sustentável ao longo dos últimos anos. O Pavilhão Brasil conta com a presença de pavilhões dos governos estaduais e dos estados da federação que nos requisitaram espaço.

Portanto, este espaço do Pavilhão Brasil é um espaço onde todos poderão conhecer algumas das realizações e dos avanços do nosso país em termos de crescimento econômico, distribuição de renda e inclusão social.

Sempre com uma imensa capacidade de buscar e uma grande consciência de que é necessário, ao fazer tudo isso, integrar o meio ambiente em nossas ações. O meio ambiente não é um adereço. O meio ambiente faz parte da visão de incluir, da visão de crescer, porque em todas elas nós queremos que estejam integrados o sentido de preservar e de conservar.

Aqui apresentamos exemplos concretos de como o Brasil cumpre seus compromissos, aliás, assumidos de forma voluntária. Não são compromissos que nós fomos obrigados a assumir. São compromissos que nós definimos para nós mesmos porque consideramos que a sustentabilidade é um dos eixos centrais da nossa concepção de desenvolvimento.

Nós queremos mostrar a todos aqueles que visitam o Brasil as conquistas alcançadas e o nosso compromisso de redução da desigualdade de forma definitiva e perene. E esse compromisso com a justiça social num momento importante para o mundo, num momento em que nós vemos conquistas de países avançados na área da inclusão e do desenvolvimento social sofrerem um duro reverso.

Nós não consideramos que o respeito ao meio ambiente só se dá em fase de expansão do ciclo econômico. Pelo contrário, nós consideramos que um posicionamento pró crescer, incluir, preservar e conservar é parte intrínseca de uma concepção de desenvolvimento e, sobretudo, diante das crises é necessário que tenhamos a consciência que não tem desenvolvimento possível feito na base de ajustes que só prejudicam pessoas, de ajustes que só prejudicam a preservação do meio ambiente ou da biodiversidade. Esse tipo de ajuste também não leva ao desenvolvimento econômico. E nós temos clareza que a questão da inclusão social, ou seja, da distribuição de riqueza para as pessoas, é elemento crucial de qualquer política econômica em qualquer tempo. Isso também diz respeito à questão do meio ambiente e, portanto, consideramos que os critérios que devem ser usados para definir o metro com o qual nós vamos nos medir é um critério triplo, um critério que articula incluir, conservar e crescer.

Nós queremos, também, mostrar aos visitantes que nós tornamos isso possível. Que isso não é uma afirmação de vontade, não é um posicionamento subjetivo. É também um posicionamento subjetivo e uma manifestação de vontade. Mas é, sobretudo, uma realidade.

Nós soubemos, com a participação de todos os brasileiros e brasileiras, fazer muito nesses anos. E porque temos um desenvolvimento e um modelo sustentável de crescimento, nós não achamos correto mudá-lo ao sabor das crises. Pelo contrário, vamos reforçar as nossas opções porque temos a convicção de que são elas que tornam a nossa capacidade de enfrentar e superar crises o nosso maior argumento e o nosso principal instrumento.

Nós temos certeza que aqueles que nos derem o prazer de visitar o pavilhão do Brasil, terão oportunidade de conhecer um país em transformação, um país que não apenas tem futuro mas soma no presente continuadas importantes conquistas. Como vocês viram no filme, esta ideia de transformação é uma ideia que nós consideramos que é intrínseca de fato ao DNA da humanidade, mas é também uma transformação que nós podemos dirigir.

Tem várias transformações possíveis. Nós somos a favor dessa transformação que combine esses três eixos. Um Brasil cuja economia cresceu, em uma década, 40%. Um Brasil que criou, nos últimos dez anos, 18 milhões de empregos formais, e que registra um dos menores níveis de desemprego da sua história. Um país que, na última década, criou condições para elevar à condição de classe média 40 milhões dos seus brasileiros e das suas brasileiras.

Esse país é um país que quer discutir. Não tem a pretensão e soberba de querer ter todas as respostas, mas apresenta uma resposta possível, que nós consideramos que é, pelo menos até onde a nossa vista alcança, no passado e no futuro, um dos melhores modelos que nós conseguimos, e queremos compartilhá-lo com o mundo.

Desde 2004, o nosso desmatamento diminuiu 77%. Nós registramos o menor índice de desmatamento este ano. Nós respondemos por 75% das áreas de preservação ambiental criadas no planeta, desde 2003. Nós temos 45% da nossa energia decorrente de fontes renováveis.

Nós consideramos que a nossa agricultura, ela tem uma imensa capacidade de ser sustentável, porque consideramos que o plantio direto na palha, a fixação do nitrogênio no solo, a rotação lavoura-pecuária são instrumentos que tornam a nossa agricultura não menos, mas mais competitiva.

Nós acreditamos que respeitar o meio ambiente significa também melhorar a produtividade do nosso solo, significa preservar as nossas riquezas naturais e garantir um crescimento que é aquele que nós queremos. Um crescimento que respeite, ao mesmo tempo, a nossa população, os seus direitos, a sua cidadania, e, também, que garanta que o nosso povo tenha consciência pública, no sentido de garantir oportunidade a todas as pessoas, sem restrição de crença, de credo, de opção sexual, de raça, e garantindo oportunidades para todas as pessoas, para as crianças com deficiência, incentivando o empreendedorismo, incentivando o que existe de melhor nas pessoas, que é essa capacidade de transformar o mundo e de se transformar junto.

Nós somos, de fato, país continental, e este país continental, ele é capaz de mostrar a humanidade, e é essa a nossa mensagem na Rio+20, que nós confluímos e convergimos para afirmar que os povos dos países, para as populações da África, da Ásia e da América Latina que não partilharam dos frutos do desenvolvimento possam partilhar deles através de um processo de inclusão social de ampliação de suas oportunidades, e que isso é possível fazendo o país crescer e respeitando o meio ambiente.

A Rio+20, ela faz parte de um processo, que começa com a Rio 92. Naquela época, se

colocou o meio ambiente e a sustentabilidade na agenda mundial. Vinte anos depois, nós demos, e teremos de dar, outra partida nesse processo, outro início, um recomeço, pois nós precisamos provar que esse outro mundo que nós julgamos possível e real é também um mundo em que cabe um alerta. Cabe um alerta sobre a necessidade de um compromisso entre todos os países do mundo.

Eu dou as boas-vindas aos participantes da Conferência. Receberemos todos, sem exceção, de braços abertos, com o tratamento caloroso que nós brasileiros e brasileiras, que os cariocas costumam dedicar a todos os visitantes que chegam a esta terra.

Sejam bem-vindos governantes, técnicos, empresários, pesquisadores, estudiosos, ativistas e ambientalistas. Apreciem o Pavilhão Brasil. Sintam-se em casa em nosso país, e sintam-se absolutamente em casa nesta cidade mais uma vez, que mostrará ao mundo o quão maravilhosa é.

Muito obrigada.

Confira a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-abertura-do-pavilhao-brasil-na-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-14min58s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-abertura-do-pavilhao-brasil-na-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-14min58s) (14min58s) da Presidenta Dilma.

13-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de contrato de financiamento entre o Banco do Brasil e o governo do estado do Rio de Janeiro para obras de infraestrutura urbana

Presidenta Dilma defende a política de conteúdo nacional nas compras governamentais. Segundo ela, o governo tem como objetivo gerar empregos no Brasil e por isso continuará a priorizar o conteúdo nacional

Rio de Janeiro-RJ, 13 de junho de 2012

Queria iniciar cumprimentando meu querido governador Sérgio Cabral. E aproveitar e cumprimentar o nosso querido vice-governador, o nosso popular Pezão. E fiquei – viu, Pezão? – muito condoída de você, prefeito de Piraí, na fila burra, e o fato de você ter conseguido R\$ 3 milhões estarreceu, porque, vejam vocês, era R\$ 500 milhões para todo o saneamento do Brasil, e o Pezão, lá em Piraí, conseguir 3, mostra bem o talento que o Pezão, a partir do momento em que assumiu o governo do estado, demonstrou, ao longo desse tempo todo, a ponto de o presidente Lula ter denominado o Pezão “pai do PAC”, pai do PAC aqui no estado. E, de fato, o Pezão colaborou com a gente em algumas obras, das quais a gente leva, da vida pública, alguns orgulhos, e eu tenho muito orgulho de ter contribuído para o Complexo do Alemão, para a Rocinha, para o que nós fizemos em Manguinhos, para tudo que está sendo feito no Arco Rodoviário, dando alguns exemplos. E, portanto, Pezão, é um prazer estar aqui também. Vou fazer das minhas as palavras do Sérgio Cabral, dizendo que, de fato, é um momento de celebração.

Queria cumprimentar os ministros Fernando Pimentel e Helena Chagas,

O deputado Paulo Melo, presidente da Assembleia Legislativa do Rio.

Queria cumprimentar o presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine, e o vice-presidente de governo César Borges, ambos aqui, junto com os demais representantes do Banco do Brasil, responsáveis pelo financiamento.

Cumprimentar o Régis Fichtner, secretário de estado chefe da Casa Civil,

O Vicente Guedes, presidente da Associação de Municípios do Estado, em nome de quem – e da nossa querida prefeita Panisset – eu cumprimento todos os prefeitos aqui presentes. Pela conta do Sérgio, então agora já são 86 de 92. Eu fico, sem dúvida, muito feliz de ter aqui, nesse plenário, um plenário integrado por pessoas tão qualificadas e que tem ajudado este país a crescer.

Queria também cumprimentar os fotógrafos, os cinegrafistas e os jornalistas e as jornalistas aqui presentes.

Hoje, nós estamos aqui para assinar um financiamento importante para o estado do Rio de Janeiro e para prefeituras do estado do Rio de Janeiro. Serão R\$ 3,6 bilhões em financiamento de investimento em obras e ações de infraestrutura.

Esse financiamento, ele é tão mais importante quando a gente considera o momento que nós vivemos, tanto um momento em que nós temos a Rio+20 acontecendo aqui no Rio de Janeiro, um momento então em que nós estamos defendendo uma política de desenvolvimento sustentável, que inclui, que cresce e que preserva o meio ambiente, e, portanto, o investimento no Pró-Cidades e em saneamento é um investimento simbólico desta parceria – incluir e, ao mesmo tempo, proteger o meio ambiente.

Um dos grandes instrumentos, no que se refere a cidades sustentáveis, é transformar as cidades e as regiões em regiões em que o saneamento seja, ao mesmo tempo, um padrão de qualidade de vida, e, ao mesmo tempo, um padrão de respeito ao meio ambiente.

Mas eu queria destacar também um outro aspecto. Nós vivemos hoje em uma conjuntura em que o mundo está passando por umas das grandes turbulências econômicas e financeiras dos últimos tempos.

E aqui, hoje, nós temos uma prova de que nós conseguimos e como nós, hoje, temos autonomia para enfrentar este momento e esta conjuntura de crise internacional.

E aqui eu não estou falando do que nós sempre falamos até hoje. Eu não estou falando só do tanto de reserva que nós temos em moeda forte, em moeda internacional. Não estou falando dos nossos US\$ 370 bilhões, nem estou falando do tanto que nós temos também de capacidade de financiar e de crédito, devido ao fato que, no Banco Central, nós temos depositados quase R\$ 400 bilhões. E, portanto, não precisamos usar nem uma vírgula do orçamento da União para enfrentar qualquer percalço que possa acontecer nos países desenvolvidos, especialmente na Europa, devido à crise soberana das dívidas ou a algum problema mais sério do que já está no seu sistema bancário.

Eu vou falar de outra coisa. Eu vou falar desta capacidade construída por prefeitos e por governadores e aqui, no caso, pelo governador do Rio de Janeiro e pelos prefeitos do Rio de Janeiro. Porque esse momento é um momento de celebração de tudo o que nós conquistamos ao longo desse tempo. Por que é que nós podemos enfrentar essa situação de crise internacional? É só porque nós temos essas reservas? Não. É porque, sobretudo, o Brasil é um outro país. Este país tem condição de, apoiado nos seus próprios pés, enfrentar essa crise porque nós trabalhamos ao longo de um período de mais de uma década para criar essas condições.

Primeiro, nós criamos um modelo com inclusão social, um modelo que conseguiu formar o mercado interno, elevando às classes médias 40 milhões de pessoas, brasileiros e brasileiras, que antes viviam na miséria, e com a consciência de que esse processo prossegue, porque nós temos um programa chamado Brasil sem Miséria, que fazemos parceria com o governo do estado do Rio de Janeiro, com o governo do Sérgio e do Pezão, e isso significou que nós fortalecemos o nosso mercado interno.

Tinha e tem um consumo reprimido. A mim espanta aqueles que dizem que o momento do consumo no Brasil passou. Ora, como pode ter passado se este país tem uma demanda reprimida? Tem milhões e milhões de brasileiros que não têm acesso não só à moradia – o que nós providenciamos com o Minha Casa, Minha Vida, mas que está em processo –, mas

não têm acesso a vários bens de consumo, e que vão ter acesso e que são um grande mercado consumidor.

Aliás, é bom que se diga: nós somos um dos melhores mercados de varejo do mundo. Por que é que nós somos um dos principais mercados de varejo do mundo? Por conta dessa demanda reprimida, dessa demanda ainda não saciada. Estranho que tenha acabado o poder de consumo de um povo que sequer começou a consumir plenamente há mais de oito anos. É muito estranho aqueles que defendem uma situação absolutamente improvável. “É que o mercado de consumo brasileiro é maduro”. Como é que o mercado de consumo brasileiro é maduro? Se nós temos ainda milhões de brasileiros que estão afastados dele. Não. Nós vamos continuar ampliando o consumo da população brasileira, sim. E mais. E mais. Esse mercado é um mercado ainda incipiente do ponto de vista de crédito. Temos uma das menores taxas de endividamento das famílias se comparadas com os outros mercados internacionais. Agora, por favor, não nos comparem com aqueles países que estão com desemprego de 54% na faixa jovem. Porque nós não somos um país que não esteja gerando emprego. Nós somos um país que gerou emprego. E tem uma força do seu mercado interno.

Nós sempre defendemos uma parceria que é fundamental, que é uma parceria entre o poder público e o setor privado. Todo mundo sabe que diante de uma crise, aumenta a incerteza, e o setor privado diminui o seu nível de investimento e fica mais, como se diz em economia, pró-cíclico, ou seja, tem ações de contenção.

É normal que seja assim. Aí, o papel de um governo e o papel de um estado é investir, e por isso que nós estamos aqui hoje. Mas por que nós podemos investir, o Banco do Brasil financiando e o governo do estado tomando o financiamento? Por que? O governador começou a sua fala dizendo o seguinte: “A gente não tinha margem para se financiar.” Ele começou dizendo isso. Há cinco anos, há seis anos, o estado do Rio de Janeiro não podia fazer o que está fazendo hoje. Mas, graças ao trabalho realizado pelos seus assessores, pelos seus secretários, o estado do Rio de Janeiro amadureceu e pode tomar empréstimo.

E nós sabemos que isso foi obtido através de critérios exigentes. Não foi através de nenhum presente dado ao governador. O governador passou por todas as checagens. De fato, a Secretaria do Tesouro é chatíssima, mas um dos papéis que ela tem é ser chatíssima. Por isso que nós não somos um país que tem crise dos estados e dos municípios. Porque, junto com a crise das dívidas soberanas do sistema financeiro bancário, há crise de todos os entes equivalentes aos nossos estados e municípios nos países europeus.

Nós hoje sabemos que quando o estado do Rio de Janeiro, é aprovado a ele um empréstimo, é porque ele se ergue sobre os seus próprios pés, pode tomar esse financiamento, pode investir nos municípios e em parceria com os municípios e, com isso, beneficiar cada um dos prefeitos e das prefeitas aqui presentes. Com o quê? Com investimento. Com investimento, tanto que vão contribuir para melhorar as condições do meio ambiente, com investimentos na área de saneamento, com investimentos em infraestrutura, enfim, vão usar esse dinheiro de uma forma fundamental, gerando emprego e resolvendo problemas sociais sérios do nosso país. Porque falta de infraestrutura é problema social, também. Não ter estrada decente é problema social, não é só, pura e simplesmente, um problema de infraestrutura, impessoal e sem, vamos dizer assim, carne, osso e sentimentos. Porque as pessoas precisam de qualidade de vida para ter emprego, para poder estudar, as pessoas precisam disso.

E eu estou aqui num estado muito especial. Eu estou aqui num estado que tem na indústria do petróleo um dos seus grandes, um dos seus maiores incentivadores e, eu diria, puxadores de desenvolvimento. A indústria do petróleo, ela é muito importante para o Brasil, mas ela é muito importante para o Rio de Janeiro. Por que ela é importante para o Rio de Janeiro e para o Brasil? É porque nós só queremos produzir petróleo e exportar? Não, é porque nós

sabemos que a indústria do óleo e do petróleo e do gás, ela traz com ela oportunidades de criação de uma cadeia de fornecedores, que vai de estaleiros, passando pela construção de sondas, navios e de tudo aquilo necessário para a produção de petróleo e gás.

Eu tenho escutado, muitas vezes, uma crítica – às vezes ela não é muito clara – a respeito do conteúdo nacional que nós exigimos para a produção de petróleo e gás no Brasil. E eu tenho ficado perplexa com algumas afirmações, e eu gostaria, então, de fazer um esclarecimento, dar uma informação. Muitas vezes se diz que houve atraso na produção da Petrobras, porque a Petrobras, por interferência do governo brasileiro, resolveu que teria uma política de conteúdo nacional, ou seja, nós daríamos prioridade a produtos produzidos no Brasil. Ora, isso, de fato, não é uma verdade. O que tem atrasado alguns investimentos da Petrobras é o fato de que a Petrobras, num primeiro momento, foi obrigada... porque os estaleiros não estão prontos, porque a sonda não começou, porque nós sucateamos a nossa indústria naval, nós tivemos de reconstruí-la, e enquanto você reconstrói, você não consegue produzir sonda.

Então, uma parte nós tivemos de importar. Então, vamos supor, de uma certa quantidade, nós importamos o início do fornecimento, ou seja, tudo aquilo que ia entrar nessa primeira metade desta década, ou seja, até 2015 e 2016, e, a partir daí, começava o fornecimento através de uma produção local.

Então, o que está atrasado são as sondas contratadas no exterior. Sinto informar que foi isso que aconteceu. Não foram as sondas que nós estamos produzindo aqui que estão atrasadas. O que está atrasado é a entrega das sondas contratadas no exterior.

Então, todos aqueles que não têm essa informação, passam a ter. Mas todos aqueles que pensam que, através de uma pressãozinha, vão impedir que o governo continue a perseguir conteúdo nacional, estão equivocados. Nós pretendemos fazer uma política inteligente, combinando muito de produção local e um pouco de importação sim.

Agora, a base da nossa política, a base do nosso desenvolvimento não é fazer vazar a demanda do Brasil para gerar emprego para os países lá de fora. A base da nossa política é gerar emprego aqui dentro. Por quê? Porque este país tem as condições, o Rio de Janeiro tem as condições. E aí, eu vou falar: os brasileiros, todos, têm condição de produzir tecnologia de qualidade aqui dentro do Brasil, e nós não mediremos esforços por isso.

Dizem que o nosso programa Ciência sem Fronteiras é um dos maiores do mundo. Eu não falo que é o maior, porque sempre pode aparecer, viu, Sérgio, um programa chinês maior, mas o nosso é bem grandinho e bem significativo, porque são 100 mil brasileiros.

São 100 mil brasileiros que, até 2014, nós iremos permitir que tenham acesso a conhecimento e a tecnologia mais avançada, porque vão ter acesso às melhores instituições de Engenharia, de Ciência da Computação e de Ciências Médicas em todo o mundo.

E eu queria dizer mais uma coisa: eu acredito que nós estamos, e devemos continuar, Sérgio, fazendo o maior esforço para manter os investimentos do Brasil crescendo. Nós todos que trabalhamos juntos esses anos sabemos todas aquelas coisas que você e o Pezão tem de enfrentar e superar para a gente poder fazer uma obra.

O Pezão não deixa passar uma vez sem me lembrar que teve a perereca. Cada vez que eu cobro do Pezão: “Pezão, eu quero saber do Arco Rodoviário”. Ele me repete: “Pois é, teve de fazer uma ponte, teve de tirar dali, puxar para cá, porque tinha de evitar aquilo”. O Pezão, eu e você, Sérgio, sabemos como foi difícil, onde não existia um projeto, construí-los, como foi difícil, para todos nós, e aí, vale para nós e para o setor privado, porque o setor privado aqui também, como nós, estava inexperiente também.

Nós não sabíamos investir. Quem fica vinte anos sem fazer desaprende. Óbvio que o setor privado teve outras oportunidades - muitas empresas puderam trabalhar no exterior -, mas o grosso do Brasil tinha desaprendido de fazer projeto, tinha colocado os seus engenheiros em tesourarias de bancos. Nós não tínhamos engenheiros exercendo a função de planejar e de viabilizar soluções para os nossos problemas de infraestrutura.

Eu acredito que nós avançamos muito. Tanto avançamos... e isto aqui demonstra isso, isto aqui faz parte de um avanço que não é do governo federal, não é do governo estadual, não é dos prefeitos. É de todos nós. É do setor privado, é do setor público, é uma compreensão de que nós precisamos de investir juntos. O governo não vai parar de fazer todo o possível e o impossível para ter uma ação anticíclica diante da crise.

Quando eu disse, no passado, que nós tínhamos alguns problemas e eles tinham de ser solucionados, e entre eles apontei a taxa de juros, eu não tenho e nem terei jamais a pretensão de reduzir taxa de juros por decreto. Agora, eu tenho e terei a pretensão de discutir com a sociedade e para o meu país falar a verdade: não há razão técnica – não é política –, não há razão técnica para manter as taxas de juros que o país veio mantendo ao longo dos anos. Não há razão técnica, e não há porque nós temos hoje uma solidez fiscal que não tínhamos. Talvez sejamos o país com as finanças públicas mais em dia do mundo. Temos uma das menores relações dívida/PIB. Mostramos que somos capazes de controlar a inflação por nós mesmos, sem imposição de ninguém.

Ao mesmo tempo, somos um país que aprendeu que não há possibilidade – ao contrário de muitos países europeus –, que não há possibilidade de você não fazer as coisas simultaneamente; que aquela “escolha de Sofia”, ou bem eu faço um ajuste, ou bem eu cresço não é uma opção correta. O Brasil só encontrou seu rumo quando cresceu, incluiu e preservou, e aí eu digo para vocês, quando conseguiu estabelecer uma parceria republicana entre União, estados e municípios; quando conseguiu estabelecer uma parceria produtiva entre Estado e empresas privadas; quando conseguiu respeitar um único fato que, de todos, é o mais importante: não há desenvolvimento para o PIB. Só há desenvolvimento para as pessoas.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-de-contrato-de-financiamento-entre-banco-do-brasil-e-governo-do-estado-do-rio-de-janeiro-para-obras-de-infraestrutura-urbana-rio-de-janeiro-rj-24min10s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-assinatura-de-contrato-de-financiamento-entre-banco-do-brasil-e-governo-do-estado-do-rio-de-janeiro-para-obras-de-infraestrutura-urbana-rio-de-janeiro-rj-24min10s>) (24min10s) da Presidenta Dilma

14-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante solenidade de outorga do selo de boas práticas às indústrias da cana-de-açúcar

Presidenta Dilma afirma que a produção de etanol no Brasil cumpre a proposta da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que é crescer, proteger e incluir

Brasília-DF, 14 de junho de 2012

Eu gostaria de cumprimentar o senador José Sarney, presidente do Senado,

Os ministros de Estado aqui presentes, e, ao cumprimentar o ministro Gilberto Carvalho da Secretaria-Geral da Presidência da República e ministro Mendes Ribeiro, da Agricultura e Pecuária, e o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário, eu saúdo em nome deles todos os ministros presentes.

Cumprimentar o nosso querido Luiz Dulci, ex-ministro chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República.

Cumprimentar os senhores deputados federais: Fernando Ferro, Gabriel Guimarães, Mendes Thame, Nelson Marquezelli, Raimundo Gomes, Roberto Balestra e Weliton Prado.

Cumprimentar o presidente da Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo, o Elio Neves,

O Antonio Lucas, diretor de Assalariados e Assalariadas Rurais da Confederação da Agricultura [Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura], Contag,

O senhor Pedro Parente, presidente do Conselho Deliberativo da Unica,

O senhor Luiz Custódio Cotta Martins, presidente do Fórum Nacional Sucreenergético.

As senhoras e os senhores trabalhadores e empresários do setor sucreenergético,

As senhoras e senhores representantes das empresas agraciadas com o selo de boas práticas na indústria de cana-de-açúcar.

Cumprimentar os senhores fotógrafos, cinegrafistas, as senhoras e os senhores jornalistas.

Eu acredito que hoje é um dia de celebração de uma forma muito especial de entendimento civilizado entre segmentos diferentes, que é o diálogo.

Celebramos o diálogo e as 169 empresas do setor de cana-de-açúcar que receberam o prêmio selo de empresas compromissadas, que merecem os nossos parabéns.

E chegamos até aqui a partir de um processo longo de maturação de uma visão da importância do setor que produz etanol no Brasil. O Brasil, hoje, tem uma matriz energética das mais renováveis do mundo, porque tem, na sua composição, principalmente na matriz de combustível, tem o etanol.

Até porque, é bom que a gente sempre lembre disso, o mais difícil, no que se refere à energia renovável, é a substituição ou é a complementação, ou a criação de novas tecnologias na área da matriz de combustível. É ela que explica por que a maior parte do mundo tem uma matriz tão concentrada em fontes fósseis, a ponto da nossa diferença ser a seguinte: enquanto a matriz energética do Brasil tem, de fontes renováveis, 45%, a média internacional é 11%.

Responsável por isso, no Brasil, é claro que a hidroeletricidade tem uma parte importante, mas, mais importante é o fato de que nós não temos nenhum veículo leve trafegando no Brasil sem ter, nesse veículo, um componente que seja o etanol. Porque, justamente, essa é a questão relevante quando a gente fala de energia e quando a gente fala de energia renovável. Muitos de nós, às vezes até não sabe disso. Mas o uso do etanol é a diferença entre nós e os demais países no que se refere a uma matriz renovável. Nesse mês, que é o mês da Rio+20, é importante que nós estejamos aqui hoje celebrando este selo.

Durante muito tempo o etanol brasileiro foi acusado de duas coisas. E essa sempre foi uma preocupação do presidente Lula. Foi acusado, primeiro, de estar desmatando a Amazônia. E segundo, de utilizar práticas, absolutamente, incompatíveis com a civilização: trabalho escravo. Este processo era um processo que nós sabíamos que decorria de práticas, eu diria assim, fraudulentas de competição. A forma de diminuir a importância do etanol como uma alternativa ao uso de combustíveis fósseis foi, justamente, colocar esses dois problemas: um social e um ambiental. Portanto, havia uma acusação sócio-ambiental contra nós.

Quando nós fizemos, no governo do presidente Lula, o zoneamento agroecológico, nós queríamos deixar claro porque que a primeira acusação era infundada. Mesmo quando a gente dizia que a produção de etanol no Brasil distava da Amazônia, assim como Portugal, Lisboa distava de Moscou, mesmo assim, naquela época havia, por parte de vários jornais da imprensa internacional, uma tentativa de não entender essa distância geográfica. Então, o zoneamento agroecológico, além de nos beneficiar porque definia áreas de produção, impediu e era um instrumento contrário a essa acusação.

Hoje, nós estamos aqui mostrando que a área que produz este combustível, que é um combustível renovável, toda a produção sucroalcooleira do Brasil e, sobretudo, a base da produção do etanol, ela é uma das áreas que têm as melhores práticas na relação com os processos de trabalho, com a jornada de trabalho, com a condição de respeito ao direito do trabalhador nesta área.

Nós estamos dando um passo, portanto, no sentido de cada vez mais mostrar que é possível sim – e esse é o tema da Rio+20 – produzir, respeitando o meio ambiente e a legislação social, produzir energia limpa. Além disso, fazendo um processo de inclusão social, no qual o direito dos trabalhadores assume um papel relevante e de destaque.

Esse prêmio hoje, que é fruto de uma parceria, ele também demonstra que, em um país civilizado e democrático, é possível estabelecer numa mesa um diálogo adequado entre trabalhadores, empresários e governo e esse diálogo resultar num ganho competitivo para os empresários, num ganho, eu diria assim, ético para o país, e, também, num ganho fundamental dos trabalhadores, que é o reconhecimento dos seus direitos, e garantir aos trabalhadores as melhores condições de trabalho possíveis.

Nós, neste ato e nas vésperas da Rio+20, estamos de fato mostrando que o tema da Rio+20,

que é crescer, incluir e proteger, está concretizado aqui hoje no setor sucroenergético.

Ontem, eu estive na Rio+20 e, no meu traçado, eu cheguei até um carro que ele era uma inspiração para o setor e eu sei que ele decorre dos esforços que o setor fez ao longo do tempo e que ele é um avanço tecnológico, que era um veículo movido a etanol de segunda geração, etanol produzido a partir do bagaço de cana. É um protótipo feito pela Petrobras em parceria com empresas privadas automobilísticas e ele, de fato, é muito relevante, porque mostra concretamente que não só nós somos – como disse, se eu não me engano, o Pedro Parente –, nós somos do ponto de vista do uso de combustíveis renováveis, não há ninguém que consiga disputar com a produtividade do etanol brasileiro tanto no que se refere à própria cana, produção de cana, quanto também na eficiência da transformação da cana no etanol.

E agora, dentro da Rio+20, nós vemos um protótipo de carro usando o combustível de segunda geração, que é a transformação direta do bagaço, em... através de um processo chamado hidrólise enzimática, que parece assim meio complicado, mas nós estamos dominando, nós conseguimos transformar isso em combustível.

Eu acredito que o Brasil está, agora, chamado, no caso do etanol, a dar um outro passo. Eu sempre disse, e os empresários lembram, que era importante nunca perder de vista que a área de energia tem algumas características diferentes da área agrícola. Na área agrícola, você tem os substitutos quase perfeitos. Quando seu produto não alcança certo nível de quantidade, você pode utilizar outro. Na energia, você não pode fazer isso.

Tem uma coisa chamada segurança energética que obriga que aquele combustível tenha de ser entregue 365 dias por ano, 24 horas por dia. O Brasil já mostrou que tem condições de fazer isso. Que tem condições de entregar seu etanol 365 dias por ano, 24 horas por dia.

O Brasil já mostrou, e isso ocorre em várias áreas, que você pode conjugar momentos de expansão e ter momentos em que essa expansão gera necessidade de uma acomodação das melancias. O carro andando, a melancia se acomoda. E agora eu acho que nós estamos, de fato, e acredito que o nosso próximo encontro será sobre investimentos. Mais investimentos do setor. O setor passou por um momento de acomodação e agora nós entramos numa nova etapa. Ele é hoje um setor com um nível já de estruturação, em alguns casos, uma verticalização forte. Ele é um setor que respeita os trabalhadores. Ele é um setor que maturou, no que se refere a sua regulação. Ele é hoje regulado, também, enquanto combustível. E agora eu acho que uma nova etapa se aproxima. Essa etapa é uma ampliação dos níveis de investimento. O governo federal é parceiro para isso. Esse vai ser o nosso próximo momento. Então, eu concordo com o representante aqui dos empresários que disse: “O nosso próximo encontro versará sobre isso”.

Muito obrigada.

▣ Confira a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-solenidade-de-outorga-do-selo-de-boas-praticas-as-industrias-da-cana-de-acucar-brasilia-df-13min15s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-solenidade-de-outorga-do-selo-de-boas-praticas-as-industrias-da-cana-de-acucar-brasilia-df-13min15s>) (13min15s) da Presidenta Dilma.

19-06-2012 - Discurso do Presidente da República em exercício, Michel Temer, durante cerimônia de abertura do 26º Congresso Brasileiro de Radiodifusão

Para Michel Temer, este amadurecimento político no Brasil faz com que Executivo, Legislativo e o Judiciário, que é quem interpreta a Constituição, faz profissão de fé da liberdade de imprensa, da liberdade de comunicação, da liberdade de associação

Brasília-DF, 19 de junho de 2012

Eu começo dizendo que eu sou mais antigo que o Marco Maia e, sendo mais antigo, eu quero me recordar de uma coisa que o pessoal da radiodifusão deve conhecer. Eu sou do tempo, Marco, do Rádio Galena, que era uma fórmula incipiente, uma forma quase artesanal pelo qual se podia ouvir a notícia.

Mas eu digo isso saudando, inicialmente, o nosso presidente da Câmara dos Deputados, querido amigo Marco Maia,

Querido amigo Paulo Bernardo,

O senhor Emanuel Carneiro, presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão,

O senador Romero Jucá.

Eu recebi uma nominata aqui, se falhar a culpa é dos que me deram a nominata.

Os deputados federais Aroldo de Oliveira, Edinho Araújo, Eduardo Sciarra, Milton Monte e Nelson Marquezelli e o deputado Rocha Loures.

Quero cumprimentar também o Jarbas Valente, O Luiz Pardo, o Edson Biazin.

Cumprimentar todos aqueles que foram agraciados com a Medalha do Mérito da Radiodifusão e com a Medalha Assis Chateaubriand.

Cumprimentar o doutor Jorge Gerdau,

Senhoras e senhores empresários do rádio e da televisão,

Senhoras e senhores profissionais da imprensa,

Senhoras e senhores,

Eu quero, tal como fizeram Paulo Bernardo e o Marco Maia, também agradecer a oportunidade que tenho de me dirigir a este auditório. Há poucos dias lá compareceu, no meu gabinete, a diretoria da Abert, me convidando e até insistindo para que eu viesse aqui. E eu, desde logo, disse: "Olha, se eu não tiver um compromisso fora de São Paulo, o compromisso

maior que tenho é vir a este início do Congresso da Associação Brasileira de Rádio e televisão”.

De modo que a minha primeira palavra é uma palavra de agradecimento, precisamente porque aqui, como falaram o Ministro das Comunicações e o Presidente da Câmara dos Deputados... E aqui eu faço um parêntese: vocês percebem como o Paulo Bernardo está desburocratizando o Ministério das Comunicações para fazer valer logo os processos e procedimentos que entram no seu Ministério. E como o Marco Maia é capaz, com a sua liderança, não acreditem que é preciso apenas falar com os deputados do seu estado, eu tenho certeza que com a liderança do Presidente da Câmara dos Deputados, do Marco Maia, ele vai conseguir que se aprove isso sem maiores dificuldades. Não tenho dúvida disso.

E eu quero dizer que nós fazemos isso com muito prazer. Eu hoje estou no Executivo, mas saibam os senhores e as senhoras que eu passei 24 anos no Poder Legislativo e é interessante que o tema liberdade de imprensa sempre foi um tema muito instantâneo, muito presente, seja no Legislativo ou seja na questão política nacional. Porque o Legislativo tem consciência plena – creio que todos temos – de que quando há um regime fechado, um regime centralizador, um regime totalitário, não é, a primeira coisa que se faz é silenciar o Poder Legislativo e, sequecialmente, silenciar a imprensa. Então nós, quando estávamos no Legislativo, nós tínhamos a convicção permanente da importância da liberdade de imprensa, da liberdade de informação, da liberdade de associação, da liberdade de manifestação. E, de resto, como ficou aqui salientado, está hoje previsto no texto estruturador do Estado. É uma regra fundante da nossa Constituição a regra da liberdade absoluta da comunicação, portanto, da liberdade de imprensa. E graças a Deus – e aqui eu devo dizer que nós vivemos no Brasil períodos de autoritarismo e períodos de democracia.

É interessante quando examinamos os textos constitucionais, nós verificamos coisas curiosas. De 1891 a 1930 ou 34, nós vivíamos num sistema, pelo menos sob o enfoque jurídico, democrático; depois tivemos um período centralizador, de 37 a 45; novamente democracia, que foi até 64, quando se verificou um novo regime centralizador; e, afinal, em 88, nós retomamos a democracia. E é curioso notar que a partir de 88 nós sedimentamos, consolidamos o regime democrático no país.

De modo que, muitas e muitas vezes, quando eu ouço falar no tema da liberdade de imprensa – que é um tema sempre presente, não há congresso que eu vá, de rádio e televisão, que não se questione essa matéria –, eu aqui, comigo, digo: é interessante, nós já atingimos uma tal maturidade política no país, que seria um retrocesso inadmissível qualquer restrição à liberdade de informação.

E eu falo isso, hoje, pelo Poder Executivo. A presidente Dilma Rousseff, os senhores já em várias oportunidades a ouviram, até mesmo no dia do discurso da vitória, a primeira palavra que ela deu foi da mais ampla liberdade de comunicação. Portanto, hoje, graças a Deus, nós temos uma democracia consolidada no país que permite ao Executivo, por meio do Paulo Bernardo e por mim, ao Legislativo, por meio do Marco Maia, vir aqui e dizer: não teremos mais preocupação com esse tema. O que precisamos é aprimorar. E o Marco Maia deu exemplos de aprimoramentos que o Legislativo vem fazendo. Agora, é claro que essas matérias dependem sempre da cobrança.

Eu acho, presidente Emanuel, que reuniões com essa servem para despertar em todos nós a ideia democrática da comunicação. E é interessante quando se fala no rádio – e é importante a televisão – eu verifico que os programas de rádio, especialmente no período da manhã, são ouvidos por milhões de pessoas. As pessoas que ficam em casa, donas-de-casa, motoristas de táxi, os que estão dentro dos táxis acompanham o noticiário do rádio com interesse extraordinário. Não é sem razão que, enquanto deputado – e os deputados que estão aqui

não irão me desmentir – muitos dos colegas deputados e senadores falam quase permanentemente num programa de rádio, quando não instalam a própria aparelhagem para comunicar-se, por meio do rádio, com os seus ouvintes, com os seus eleitores.

Então, ao vir a este encontro da Abert, eu venho com essa satisfação cívica de quem, desde os primeiros anos da sua vida, especialmente da sua vida escolar, percebeu que a democracia é o melhor dos regimes políticos existentes, que qualquer restrição a qualquer manifestação é, na verdade, uma indignidade para aqueles que exercem a vida pública.

E por isso que eu posso dizer, com muito prazer, com muita satisfação, que este amadurecimento político que nós tivemos no país faz com que Executivo, Legislativo e, naturalmente, o Judiciário, que é quem interpreta a Constituição, faz profissão de fé da liberdade de imprensa, da liberdade de comunicação, da liberdade de associação.

Então, eu quero, neste momento, ao cumprimentá-los, dizer da satisfação que tive, presidente Emanuel e seus companheiros da Associação, de receber este convite para, na verdade, saudá-los e dizer: vamos adiante que a liberdade de imprensa é fundamental para a democracia.

Muito obrigado.

▣
Ouça a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-do-presidente-em-exercicio-michel-temer-durante-cerimonia-de-abertura-do-26o-congresso-brasileiro-de-radiodifusao-brasilia-df>)(08min18s) do Presidente em exercício

20-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de abertura protocolar da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20)

"O desafio da sustentabilidade se apresenta em razão de uma perspectiva de futuro, mas as tarefas que ele impõe são do presente. Não tenhamos dúvida: tempo é o recurso de maior escassez", disse a Presidenta

Rio de Janeiro-RJ, 20 de junho de 2012

Excelentíssimas senhoras e excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo,

Excelentíssimo senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas,

Excelentíssimo senhor Nassir Abdulaziz Al-Nasser, presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas,

Senhor Sha Zukang, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio+20,

Senhor Michel Temer, vice-presidente da República do Brasil,

Senhores ex-presidentes do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso, Fernando Collor de Mello,

Deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, Carlos Ayres Britto,

Senhoras e senhores chefes de delegações,

Senhoras e senhores integrantes da delegação brasileira e participantes da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável – Rio+20,

Senhoras e senhores,

Quero, inicialmente, expressar meu profundo agradecimento aos chefes de Estado, de governo e de delegações que honram o Brasil com sua presença nesta bela cidade do Rio de Janeiro. Estendo esse reconhecimento aos milhares de representantes da sociedade civil global que nos acompanham nesse debate da mais alta relevância para o futuro da humanidade. A todos as mais calorosas boas-vindas do governo e do povo brasileiro.

Somos governantes deste Planeta. Pelas nossas mãos passam decisões políticas que impactam o crescimento econômico, a inclusão social e a proteção ambiental. Temos a responsabilidade, perante a História e perante os nossos povos, de fazer da Rio+20 o

momento de firmar compromissos para o futuro que queremos: o compromisso com a vida, com o bem-estar das pessoas, com o bem-estar de milhões de homens e mulheres que habitam este Planeta. Compromisso que será concretizado com o desenvolvimento sustentável que se pode traduzir em três palavras: crescer, incluir e proteger.

O desafio da sustentabilidade se apresenta em razão de uma perspectiva de futuro, mas as tarefas que ele impõe são do presente. Não tenhamos dúvida: tempo é o recurso de maior escassez.

Estamos reunidos no Rio de Janeiro para dar passos audaciosos, para mostra coragem, para assumir responsabilidades. Estamos aqui porque o mundo demanda mudança.

A Conferência do Rio 1992 estabeleceu um consenso mundial em torno do desenvolvimento sustentável e nos deu os princípios sobre os quais temos de atuar. A afirmação de que os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável colocou a erradicação da pobreza como requisito indispensável da ação política. Esse princípio ligou, de forma indissolúvel, a agenda ambiental à necessidade de realizar reformas estruturais, capazes de incluir as multidões de homens e mulheres e crianças que viviam e ainda vivem na pobreza e exclusão.

Acordamos que o bem-estar das gerações presentes não poderia ser construído em detrimento das gerações futuras e que, para esse fim, a proteção ambiental deveria ser parte integrante do processo de desenvolvimento.

Consagrou-se o princípio de que na construção do desenvolvimento sustentável, os Estados têm responsabilidades comuns, porém, diferenciadas. E reconheceu-se a necessidade de eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo.

Esses princípios vieram para ficar. Eles iluminaram a ação de muitos governantes e movimentos sociais, mas ainda devem ser incorporados de maneira efetiva nas decisões políticas e econômicas de todos os países.

A transferência das indústrias mais poluentes do Norte para o Sul do mundo colocou as economias desenvolvida no rumo de uma produção tida como mais limpa, mas deixou pesada carga e conta sócio-ambiental para os países em desenvolvimento.

A promessa de financiamento do mundo desenvolvido para o mundo em desenvolvimento, com vistas à adaptação e mitigação, ainda não se materializou nos níveis prometidos e necessários, apesar do esforço de algumas nações.

Os compromissos de redução de emissões firmados no âmbito do Protocolo de Kyoto não foram atingidos.

O princípio fundamental das responsabilidades comuns, porém diferenciadas, consagrado na Rio92, tem sido muitas vezes recusado na prática. Sem ele, não há consenso possível na construção de um mundo mais justo e inclusivo, no qual seres humanos possam estar no centro de nossas preocupações.

Senhoras e senhores chefes de Estado e de governo,

O Brasil reconhece que há várias conquistas de 1992 que ainda permanecem no papel. Nós, chefes de Estado e de governo, temos a responsabilidade de agir para mudar esse quadro.

Resultados novos exigem novas práticas. A crise financeira e as incertezas que pairam sobre o futuro da economia mundial dão uma significação especial à Rio+20. Nesse momento em que nos reunimos, o mundo atravessa os efeitos da mais grave crise econômica e financeira internacional do pós-Segunda Guerra Mundial. Estamos importantes economias com

crescimento muito lento, quando não estão em recessão, e sofrem abalos em suas contas públicas e em seus sistemas financeiros. Políticas de ajuste atingem a parte mais frágil da sociedade: os trabalhadores, as mulheres, as crianças, o imigrante, o aposentado, o desempregado, sobretudo, quando se tratam de jovens. São modelos de desenvolvimento que esgotaram sua capacidade de responder aos desafios contemporâneos.

Nossa experiência nas crises similares, vivida nos anos 80 e 90 na América Latina, mostra que políticas indutoras do crescimento e do emprego constituem a única via segura para a recuperação da economia. É certo que os países em desenvolvimento passaram a responder por parcela cada vez mais significativa do crescimento mundial. Mas nós estamos conscientes e temos a certeza que a recuperação para ser estável tem de ser global. Em um momento como este, de incertezas em relação ao futuro da economia internacional, é forte a tentação de tornar absolutos os interesses nacionais. A disposição política para acordos vinculantes fica muito fragilizada. Não podemos deixar isso acontecer.

Tenho convicção – e esta Conferência é disto uma prova – de que é grande nossa vontade de acordar. Nesta Conferência, uma nova visão de futuro, consolidada em Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis, que nós nos comprometemos a negociar em áreas de especial relevância.

Senhoras e senhores,

O Brasil tem procurado fazer a sua parte. Com democracia, realizamos uma transformação radical no funcionamento de nossa economia. Temos avançado com determinação em nosso modelo de desenvolvimento sustentável. Estamos crescendo com inclusão e justiça social. Mais de 40 milhões de pessoas ascenderam às classes médias e dezenas de milhões deixaram a pobreza e a miséria. Criamos 18 milhões de empregos formais e expandimos a renda dos trabalhadores.

Temos mantido uma matriz energética limpa. As fontes renováveis respondem por 45% de toda energia que consumimos. Estamos crescendo e ampliando nossas áreas de proteção ambiental. Setenta e cinco por cento das áreas de proteção criadas no Planeta desde 2003 estão no Brasil. Estamos produzindo mais riquezas e reduzindo o desmatamento na Amazônia. A área desmatada ilegalmente decresceu 77% entre 2004 e 2011. Mais de 80% da cobertura original da Floresta Amazônica está preservada.

Somos uma potência agrícola que contribui para alimentar o mundo. Nossa produção aumentou 180%, enquanto, nesse período, nossa área plantada cresceu pouco mais de 30%. Fizemos isso com novas tecnologias; fizemos isso com insumos mais eficientes; fizemos isso com equipamentos mais modernos.

Nas negociações sobre mudança do clima, que se dão no quadro da Convenção que assinamos no Rio, em 92, o Brasil teve coragem de aprofundar suas iniciativas. Em Copenhague, anunciamos, voluntariamente, um ambicioso compromisso nacional, em 2009, de reduzir entre 36 a 39% do total previsto de emissões até o ano de 2020. Isso nos autoriza a demandar maiores contribuições dos países desenvolvidos para o esforço global.

Na Conferência de Durban, contribuimos ativamente para um resultado positivo, que deu novo vigor à cooperação internacional, definiu o início do segundo período do Protocolo de Kyoto e lançou as negociações de um novo acordo, que fortalecerá o regime internacional a partir de 2020. Sabemos que o desenvolvimento sustentável é a melhor resposta para a mudança do clima.

Senhoras e senhores,

Desenvolvimento sustentável implica crescimento da economia, para que se possa distribuir

riqueza. Significa criação de empregos formais e expansão da renda dos trabalhadores. Significa distribuição de renda para pôr fim à miséria e reduzir a pobreza. Significa garantir acesso à educação, à saúde, segurança pública e todos os serviços necessários ao bem-estar da cidadania plena da população. Significa tornar nossas cidades cada vez mais sustentáveis. Significa reduzir o desmatamento. Significa usar, de forma sustentável, nossa biodiversidade e proteger nossos rios e florestas. Significa gerar energia limpa.

Com plena consciência do muito que temos pela frente, este país, o Brasil, que os recebe hoje, avança com soluções e identidade próprias no campo do desenvolvimento sustentável. Vivemos, na América Latina, na América do Sul, um momento inédito de consolidação da democracia e de avanços na redução da pobreza e das desigualdades. A região, como um todo, trilha o caminho da integração física, social e cultural, e o da proteção ambiental.

Nosso modelo de desenvolvimento não é o único, mas mostra que é possível avançar para uma sociedade sustentável. Mostra, sobretudo, que a decisão política de agir pelo desenvolvimento sustentável é um compromisso inarredável.

Senhoras e senhores,

A tarefa que nos impõe a Rio+20 é desencadear o movimento de renovação de ideias e de processos, absolutamente necessários para enfrentarmos os dias difíceis em que hoje vive ampla parte da humanidade. Sabemos que o custo da inação será maior que o das medidas necessárias, por mais que essas provoquem resistências e se revelem politicamente trabalhosas.

Nossa Conferência deve gerar compromissos firmes para o desenvolvimento sustentável. Temos de ser ambiciosos. O texto aprovado pelas consultas pré-Conferência representa o consenso entre os diversos países aqui presentes. É o resultado de grande esforço de conciliação e aproximação de posições para avançarmos concretamente na direção do futuro que queremos. Representa, antes de tudo, uma decisão de não retroceder, de nenhuma forma, nos compromissos que assumimos em 1992.

Mas não basta manter as conquistas do passado, temos de construir sobre este legado. Neste sentido, o texto aprovado consagra avanços importantes e eu queria, aqui, destacar alguns.

Estamos introduzindo o objetivo de erradicação da pobreza como maior desafio global que o mundo enfrenta. Pela primeira vez, num documento desse tipo falamos da igualdade racial e da não-discriminação.

Estamos adotando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, que darão foco e orientação aos nossos esforços coletivos.

Criamos um foro de alto nível, no âmbito das Nações Unidas, de caráter universal, com a finalidade de acompanhar a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e coordenar os esforços das Nações Unidas no campo da sustentabilidade.

Fortalecemos o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, que sai do Rio de Janeiro, da Rio+20, dotado de melhores condições para exercer sua importante missão.

Ampliamos a participação da sociedade civil nos processos decisórios sobre desenvolvimento sustentável nas Nações Unidas.

Adotamos um programa de dez anos para a promoção de padrões sustentáveis de produção e consumo que até então nunca tinham sido adotados.

Reconhecemos a insuficiência do Produto Interno Bruto como critério para medir o

desenvolvimento.

E lançamos um programa de trabalho para o desenvolvimento de uma alternativa que leve em conta tanto critérios sociais como critérios ambientais.

Conclamamos as empresas privadas a integrar informações de sustentabilidade em seus relatórios corporativos.

Os oceanos requerem crescente atenção. As populações de muitos países em desenvolvimento dependem diretamente de seus recursos. Vamos agir com urgência para proteger biodiversidade marinha no alto-mar e os estoques pesqueiros, assim como combater à poluição e os impactos da mudança do clima. Isso também foi introduzido no documento pré-Conferência. Senhoras e senhores,

A intensa mobilização em torno dessa Conferência e a participação ativa da sociedade civil já promoveram o engajamento de todos nessa nova agenda. Um evento dessa grandeza engaja toda uma geração.

Agradeço aos milhares de representantes da sociedade civil global que nos acompanham neste debate da mais alta relevância para o futuro da humanidade.

Desde já, esta é a maior Conferência das Nações Unidas em termos de participação da sociedade civil e dos movimentos sociais. O futuro que queremos não se construirá por si mesmo. Estamos no limiar de um novo momento que nos exigirá mais dedicação, mais determinação, mais responsabilidade. Mudanças profundas de atitudes coletivas, institucionais e individuais. Mas caberá a nós, dirigentes mundiais, chefes de Estado e de governo, ministros, funcionários, enfim, aos representantes das nações aqui presentes demonstrarmos capacidade de liderar e de agir. Quando os olhos, os ouvidos, a alma e os corações do mundo estão voltados para esta cidade, que eu acredito maravilhosa, nesse momento histórico, temos plena consciência que o futuro das próximas gerações aguardam as nossas decisões.

Com a energia e a coragem para mudar o dia de hoje, conquistaremos o direito de esperar algo muito melhor para o amanhã.

Muito obrigada a todos.

Sejam bem-vindos.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-segunda-reuniao-plenaria-abertura-protocolar-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-21min19s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-segunda-reuniao-plenaria-abertura-protocolar-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-21min19s>) (21min19s) da Presidenta Dilma

20-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na primeira Reunião Plenária da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20)

"A expressiva liderança mundial, que hoje ocorre ao Rio de Janeiro, indica o compromisso dos Estados aqui representados com a complexa e urgente agenda do desenvolvimento sustentável", disse a Presidenta

Rio de Janeiro-RJ, 20 de junho de 2012

Agradeço a todos os presentes a eleição como presidente da Conferência.

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo,

Excelentíssimo senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon,

Excelentíssimo senhor presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, *Nassir Abdulaziz Al-Nasser*,

Senhor secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, senhor Sha Zukun,

Senhor diretor-geral da Assembleia Geral (incompreensível)

Senhoras e senhores, distintos delegados e representantes dos países das Nações Unidas,

Nessas breves palavras, eu quero expressar minha gratidão pelo mandato que acabam de me conferir as representações das delegações aqui presentes.

A expressiva liderança mundial, que hoje ocorre ao Rio de Janeiro, indica o compromisso dos Estados aqui representados com a complexa e urgente agenda do desenvolvimento sustentável.

Não tenho dúvidas de que nós estaremos à altura dos desafios que a situação global nos impõe.

Passo a condução dos trabalhos para o vice-presidente da Conferência, ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota.

Teremos hoje, pela tarde, às 16 horas, quando da abertura protocolar de nosso evento, um novo encontro. Nele terei a oportunidade de expressar nesta plenária a posição do Brasil sobre os temas em discussão.

Muito obrigada pela atenção dos senhores e pelo voto para eleição como presidente.

Obrigada.

21-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o fórum de mulheres líderes sobre igualdade de gênero e empoderamento das mulheres no desenvolvimento sustentável

Presidenta Dilma ressalta a importância da participação das mulheres no processo de desenvolvimento sustentável

Rio de Janeiro-RJ, 21 de junho de 2012

Eu queria cumprimentar a querida Michelle Bachelet, primeira mulher a exercer o cargo de Presidenta, aqui na América do Sul, e, atualmente, diretora-geral da ONU Mulheres.

Queria cumprimentar as senhoras presidentas Laura Chinchilla, da Costa Rica, Dalia Grybauskaitė, da Lituânia, a senhora Doris Leuthard, ex-presidenta da Suíça, a senhora Tarja Halonen, ex-presidenta da Finlândia.

Queria cumprimentar as senhoras primeiras-ministras Julia Gillard, da Austrália, Hellen Thorning-Schmidt, da Dinamarca, Portia Simpson Miller, da Jamaica, senhora Mary Robinson, ex-primeira ministra da Irlanda, senhora Gro Harlem Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega,

Senhora Helen Clark, presidente do Grupo de Desenvolvimento e administradora do Programa das Nações Unidas,

As senhoras ministras de Estado, deputadas, senadoras e líderes aqui presentes,

Minhas caras participantes do Fórum de Mulheres Líderes,

Congratulo-me com a ONU Mulheres, liderada pela nossa querida Bachelet, pela iniciativa de realizar este Fórum. É uma honra compartilhar esta mesa com as senhoras chefe de Estado e de governo e também com a subsecretária-geral – repito, mais uma vez –, Michelle Bachelet, uma referência para todas nós, sul-americanas, pelo trabalho que vem desenvolvendo e por ter sido a primeira mulher eleita Presidenta em nossa região, rompendo centenas de anos de exclusão política.

A Rio+20 nos apresenta a possibilidade e o desafio de incorporar os direitos das mulheres como dimensão crucial e estruturante do processo de desenvolvimento sustentável. Sem isso, não atingiremos os objetivos que nos trazem ao Rio de Janeiro. A preocupação com a consolidação da presença das mulheres na política deve nortear as iniciativas ligadas a cada um dos pilares do desenvolvimento sustentável: o econômico, o social e o ambiental.

A autonomia econômica das mulheres, particularmente afetada nessa conjuntura de crise global, é fundamental para a construção de sua cidadania plena. Para tanto, precisamos

enfrentar lutas antigas, mas ainda necessárias, em especial, pelo igual acesso a oportunidades de trabalho, remuneração e proteção social, e, muitas vezes, por defesa física contra a violência.

O empreendedorismo das mulheres deve ser facilitado por instrumentos de crédito, assistência técnica e propriedade, e protegido da desordem avassaladora das crises financeiras, que precarizam direitos e querem fazer voltar atrás a roda da História, e pela falta da esperança e de perspectiva.

As mulheres, como geradoras de vida, ocupam, em todas as sociedades humanas, um papel especial, e devemos, por isso, reconhecer este papel, tanto do ponto de vista da proteção ao meio ambiente, quanto do ponto de vista das garantias de inclusão social, como também como agentes do desenvolvimento.

Por isso, precisamos antecipar os desafios emergentes do desenvolvimento sustentável, para evitar que novas desigualdades surjam e se consolidem. Os conhecimentos, as atividades e as tecnologias verdes devem beneficiar igualmente homens e mulheres em toda a cadeia produtiva.

O papel das mulheres, também, nas atividades de ciência, tecnologia e inovação tem que ser cada vez mais impulsionado.

Defendemos a qualidade crescente do trabalho feminino. Além disso, a participação das mulheres no mercado de trabalho, a sua expansão em quase todas as sociedades deve ser, também, acompanhada pelo correspondente engajamento dos homens nas tarefas domésticas e no cuidado não remunerado dos filhos e filhas e demais familiares. Um trabalho invisível, mas que precisa ser compartilhado e reconhecido, inclusive, como contribuição para a economia e para as contas públicas.

As mulheres são a face principal da pobreza no mundo - as mulheres e as crianças. Mas também, nós temos essa experiência no Brasil, são as grandes aliadas para sua erradicação, para a erradicação da pobreza, pois investem sua renda na família e na comunidade, garantem e suportam a criação dos filhos e lutam por isso.

Nos nossos programas sociais, no Brasil, essa é uma realidade. Por isso, no Bolsa Família, 93% dos cartões de transferência de renda estão nas mãos de mulheres. No Minha Casa, Minha Vida, é obrigatório que o título de propriedade seja emitido em nome das mulheres, no caso das famílias mais pobres. Nas políticas fundiárias do governo brasileiros, as mulheres também estão sendo empoderadas como proprietárias.

Em sua relação com o meio ambiente as mulheres têm se destacado como aliadas nas mudanças nos padrões de consumo, no uso de energia, no uso da água e do solo. São guardiãs de conhecimentos tradicionais, mas também são capazes de disseminar avançadas práticas sustentáveis. Aqui, a palavra chave para todos é acesso, mas, sobretudo, para a mulher: acesso à recursos naturais em especial à água, acesso ao alimento, acesso à moradia digna, acesso ao saneamento básico, à energia e educação.

No Brasil, estamos investindo para superar dificuldades e precariedades neste acesso aos serviços públicos de saúde com pleno exercício dos direitos sexuais e reprodutivos, inclusive, o planejamento familiar, a gestação, o parto, o puerpério com assistência de qualidade. Inclusive, com a proteção à criança, a proteção integral à criança tanto no que se refere às condições preparatórias do parto, como na sequência quando aumenta no início da vida o risco para as crianças.

Senhoras e senhores,

Combatemos as desigualdades, precisamos reconhecer e valorizar as diferenças. A diversidade, um grande patrimônio biológico, é também um grande patrimônio cultural. O desenvolvimento sustentável deve ser construído como um projeto inclusivo e aberto para todos os sexos, raças, etnias, orientações sexuais, filiações religiosas, idades e condições físicas. O desenvolvimento sustentável é um caminho que cada povo, com a sua cultura, deve percorrer e escolher de acordo com o que disser a sua sociedade e seus governos.

Devemos pôr fim a todas as formas de violência, de discriminação de que as mulheres são vítimas, em tempos de guerra e em tempos de paz. A paz começa quando a criança vê que, entre aqueles que são sua primeira referência no mundo, não há nem violência, nem relação de subordinação. O Brasil, como todos os outros países, ainda precisa fazer muito pela afirmação e a valorização da mulher. Reitero a determinação do meu governo de enfrentar todas as formas de discriminação contra as mulheres brasileiras.

Muito foi conquistado pelas brasileiras nos últimos anos. A criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres, o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, elaborado com a participação da sociedade, e a Lei Maria da Penha, que torna crime a violência contra mulher, inclusive a violência doméstica, são alguns exemplos. Trabalhamos em prol das mulheres da cidade, do campo, da floresta, do sertão. De trabalhadoras urbanas, agricultoras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas e extrativistas. De líderes políticas, de empresárias, enfim, de todas as mulheres que ousam e que vão, sistematicamente, levantando sua cabeça e entrando no mundo do trabalho, na sociedade como agentes e como sujeito e, sobretudo, eu queria aqui enfatizar, como líderes, como as mulheres aqui presentes, a qual eu faço uma especial homenagem.

Senhoras e senhores.

O desenvolvimento sustentável, um novo paradigma, implica olhar todas e todos, todos e todos, mulheres e homens, como essenciais. Trata-se de um desafio econômico, social e ambiental, mas, sobretudo – sobretudo mesmo –, de um desafio político.

Estou certa de que as líderes aqui reunidas estão à altura da tarefa. Contem conosco. Nós ainda temos muito que avançar.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-forum-de-mulheres-lideres-sobre-igualdade-de-genero-e-empoderamento-das-mulheres-no-desenvolvimento-sustentavel-rio-de-janeiro-rj) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-forum-de-mulheres-lideres-sobre-igualdade-de-genero-e-empoderamento-das-mulheres-no-desenvolvimento-sustentavel-rio-de-janeiro-rj>)(11min36s) da Presidenta Dilma

21-06-2012 - Segunda intervenção da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o fórum de mulheres líderes sobre igualdade de gênero e empoderamento das mulheres no desenvolvimento sustentável

Presidenta afirma que exercer o multilateralismo implica necessariamente em levar em consideração posições diversas

Rio de Janeiro-RJ, 21 de junho de 2012

Posso falar daqui?

Eu acho muito importante acentuar uma característica do encontro da Rio+20. O encontro da Rio+20 é um exercício do multilateralismo. O multilateralismo é algo que nós devemos dar muita ênfase, principalmente, quando nós sabemos o que havia no passado – um bilateralismo muito...

Não está sendo traduzido?

Alô. Eu estava aqui tentando expressar algumas ideias. E a primeira é sobre a importância do multilateralismo. Nós... Continua não traduzindo? Continua?

Então, eu estou expressando a importância do multilateralismo como uma forma de relação entre os povos, as nações e os governos. Até porque, até recentemente, há duas décadas atrás, havia a prática do bilateralismo e havia a prática de posições hegemônicas. Exercer o multilateralismo implica necessariamente em levar em consideração posições diversas. Diversas de quais? Das minhas, ou da de cada um de nós.

Então, eu acho que nós merecemos dar os parabéns para a Michelle Bachelet, que conseguiu tirar um documento entre todos os países aqui representados. E se nem todas as minhas posições ou nem todas as posições de cada um dos aqui presentes não estão é porque, quando se tem relações multilaterais, há que respeitar a diversidade. E a diversidade implica em recuar um pouco e avançar outro pouco.

Então, eu cumprimento a Michelle Bachelet pela conquista que é ter um documento único, porque, muitas vezes no passado, eu estive em reuniões – e as lamento – em que não foi possível tirar sequer uma linha. Recentemente, por exemplo, na reunião de 2009, em Copenhague.

Não acho que isso – não tirar uma linha – significa avanço. Significa avanço quando a gente consegue ter pelo menos um padrão mínimo comum de uma posição construída por consenso.

Então, cumprimento muito a Michelle Bachelet por ter sido capaz de estabelecer um marco, a

partir do qual nós iremos, certamente, avançar com a evolução histórica das posições, inclusive das nossas.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra da [segunda intervenção](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/segunda-intervencao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-forum-de-mulheres-lideres-sobre-igualdade-de-genero-e-empoderamento-das-mulheres-no-desenvolvimento-sustentavel-rio-de-janeiro-rj-03min25s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/segunda-intervencao-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-no-forum-de-mulheres-lideres-sobre-igualdade-de-genero-e-empoderamento-das-mulheres-no-desenvolvimento-sustentavel-rio-de-janeiro-rj-03min25s>), (03min25s) da Presidenta Dilma

21-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante jantar oferecido pelo governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, e pelo prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, em homenagem aos chefes das delegações africanas

Para a presidenta, o Brasil, até então, só olhava para a Europa e para os Estados Unidos, e agora os nossos olhos e as nossas preocupações estão dirigidas para a população africana, para os países da África e os países da nossa América Latina

Rio de Janeiro-RJ, 21 de junho de 2012

Excelentíssimas e queridas senhoras e senhores chefes de Estado e de Governo e integrantes de delegações que prestigiam o Brasil e prestigiam esta Conferência das Nações Unidas,

Excelentíssimo senhor Boni Yayi, presidente da República do Benin e presidente da União Africana,

Meu querido presidente, Líder, Luiz Inácio Lula da Silva,

Governador Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro,

Prefeito Eduardo Paes, da cidade do Rio de Janeiro,

Ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, em nome de quem cumprimento todos os ministros aqui presentes,

Presidente do BNDES, Luciano Coutinho,

Presidente da Vale do Rio Doce, meu querido Murilo,

Senhoras e senhores aqui presentes,

Primeiro, eu queria agradecer imensamente a presença dos senhores aqui nesta cidade maravilhosa e agradecer também toda a participação que os senhores tiveram nesse processo em que essa Conferência consegue apresentar, a todos os povos do mundo, um documento sobre a Rio+20.

Esse encontro entre a África e o Brasil ao lado da Conferência mostra a importância que nós atribuímos às relações entre o Brasil e os países da África. E mostra a decisão do Brasil de estabelecer uma relação especial com a África. Vocês poderiam perguntar por que, no meio

da Conferência, nós participamos de um jantar com delegações africanas e com delegações do Caribe. A primeira razão é que o Brasil tem uma população com a consciência da sua raiz africana. Quando perguntados, os brasileiros respondem e isso em um número expressivo de 50% de toda nossa população que têm a certeza de que têm raízes africanas, e isso é muito importante. Então, nós acreditamos que o Brasil tem a maior população africana depois da Nigéria. E a segunda razão, eu diria para vocês que é a decisão política tomada lá atrás, ainda no governo da presidente Lula, de que nós teríamos de mudar a nossa política externa.

Nós, que só olhávamos até então para a Europa e para os Estados Unidos, passamos a olhar e dirigir os nossos olhos e as nossas preocupações para a população africana, para os países da África e os países da nossa América Latina.

Esta é uma modificação que diz tudo a respeito do que é o nosso compromisso com os povos do mundo. Assim como nós temos compromisso com as populações que constituem a maioria do nosso país – as populações trabalhadoras –, queremos para os povos do mundo e para a África, em especial, o que queremos para o nosso país.

Por isso, eu apresento a terceira razão, por que nós estamos fazendo esta reunião. Nós queremos estabelecer com a África um processo de desenvolvimento com inclusão social e, por isso, colocamos tudo o que aprendemos, tudo o que conquistamos à disposição das lideranças africanas.

Primeiro, tudo que nós aprendemos para incluir as populações que mais precisam nos frutos do desenvolvimento. Aí está toda a tecnologia do Bolsa Família, porque é uma tecnologia. Tecnologia é saber fazer, é saber como fazer. Então, a tecnologia do Bolsa Família. A tecnologia da Embrapa. E eu queria dizer aos senhores que uma grande luta do presidente Lula, que eu assisti e acompanhei, e, sou testemunha, que lutou o tempo inteiro para que houvesse uma Embrapa, uma Embrapa que se dirigisse para a África, uma Embrapa que tivesse seu foco na questão de como desenvolver as melhores culturas, os melhores cultivos na África, eu tenho a oportunidade de tornar cada vez mais concreta criando, dentro da Embrapa, uma Embrapa africana, uma Embrapa voltada para a África.

Outro programa que eu gostaria de destacar está ligado à questão da saúde e à criação de vacinas. Nós nos dispomos, em parceria com terceiros países, a criar, nas regiões diferentes da África, processos de produção de vacinas e de princípios farmacológicos que garantam o combate e o tratamento das doenças com maior incidência, que vão da malária à Aids.

Com seus 800 milhões de habitantes, com seu rico e imenso território, com a sua riqueza natural, nós temos certeza que a África será um dos continentes que mais se desenvolverá ao longo do século XXI. E, por isso, estamos muito interessados em ter parcerias no sentido de criar infraestrutura: rodovias, energia, enfim, todas as estruturas necessárias para o crescimento econômico.

Nós temos melhorado as nossas relações, mas elas ainda são insuficientes.

E, além das relações bilaterais, o Brasil vai desenvolver com as diferentes organizações dos Estados africanos. Em julho, eu tenho a intenção de participar da Cúpula da União Africana, em Adis Abeba. E, em novembro, eu espero encontrá-los novamente em Malabo, para a Terceira Cúpula América, da relação América do Sul-África.

Finalmente, eu gostaria de dizer a vocês que essa é a mensagem que eu levarei todas as vezes que visitar o continente irmão da África, que é a seguinte: levar adiante um relacionamento absolutamente livre das práticas coloniais que infelicitaram o meu continente e o continente africano, e de todos os infernos coloniais que nós vivemos.

Apesar do cálice vazio, eu consegui um cheio. Convido a todos que brindemos o grande

futuro da amizade entre a África e o Brasil.

Saúde!

Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-jantar-oferecido-pelo-governador-e-pelo-prefeito-do-rio-de-janeiro-em-homenagem-aos-chefes-das-delegacoes-africanas-rio-de-janeiro-rj-20min25s>) (20min25s) da Presidenta Dilma

22-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na sessão de encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20)

Presidenta Dilma agradece, em nome do Brasil e do povo brasileiro, aos chefes de Estado e de Governo, que, a despeito de suas múltiplas responsabilidades, se deslocaram para o Rio de Janeiro e auxiliaram, de forma decidida, a construção do consenso que hoje foi celebrado

Rio de Janeiro-RJ, 22 de junho de 2012

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo,

Excelentíssimas senhoras chefes de Estado e de Governo,

Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas,

Senhor Nassir Abdulaziz Al-Nasser, presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas,

Senhor Sha Zukang, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20,

Senhoras e senhores chefes de delegações,

Senhoras e senhores,

Chegamos ao encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Eu manifesto meus sinceros agradecimentos, em nome do Brasil e do povo brasileiro, aos chefes de Estado e de Governo, que, a despeito de suas múltiplas responsabilidades, se deslocaram para o Rio de Janeiro e auxiliaram, de forma decidida, a construção do consenso que hoje celebramos.

O documento “O Futuro que Queremos” torna-se, hoje, um marco no conjunto dos resultados das Conferências das Nações Unidas ligadas ao Desenvolvimento Sustentável. Um passo histórico foi dado em direção a um mundo mais justo, equânime e próspero, para que a pobreza seja erradicada e o meio ambiente protegido.

O Brasil se orgulha de ter organizado e presidido a mais participativa e democrática conferência, na qual tiveram espaço diversas visões e propostas. Buscamos sempre manter um equilíbrio respeitoso entre as posições de todos os países. Celebrar conquistas consensuais significa reconhecer que construções coletivas, baseadas na difícil arte do diálogo, são mais fortes, porque são de todos. São essas conquistas que fazem o mundo

avançar.

Saúdo e agradeço os esforços de todos e de cada um, que permitiram a aprovação desse documento. Ele é produto do consenso e da ambição coletiva dos países que participaram desta Conferência. O mesmo espírito que orientou a construção de nosso compromisso com o futuro sustentável deve prevalecer no encaminhamento da solução da crise que hoje afeta os países desenvolvidos, em especial, os países da Europa. Uma crise econômica que originada nos países do Norte aflige a todos nós e, lamentavelmente, também aos países mais pobres.

Senhoras e senhores,

O documento que nós aprovamos hoje não retrocede em relação às conquistas da Rio92, não retrocede em relação à Cúpula de Joanesburgo de 2002, não retrocede em relação a todos os compromissos assumidos nas demais conferências das Nações Unidas. Ao contrário, o documento avança e muito, mostrando a evolução das concepções compartilhadas de desenvolvimento sustentável. Lançamos as bases de uma agenda para o século XXI. Tomamos decisões importantes e quero ainda uma vez ressaltar algumas delas.

Trouxemos a erradicação da pobreza para um centro do debate sobre o futuro que queremos, em consonância com a proteção e o respeito aos direitos humanos fundamentais. Criamos os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para dar foco e orientação aos nossos esforços coletivos. O foro de alto nível que foi instituímos coordenará os trabalhos das Nações Unidas no campo da sustentabilidade, inclusive, assegurando a implementação desses objetivos. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente sai fortalecido da Rio+20 inclusive em termos orçamentários. Será, portanto, o PNUMA capaz de auxiliar os países mais pobres na implementação de suas políticas.

Vamos também desenvolver o indicador mais adequado do que o PIB para medir o desenvolvimento incorporando, também, critérios sociais e ambientais. Adotamos o Plano Decenal de Produção e Consumo Sustentáveis. Assumimos a importância estratégica da biodiversidade marinha e vamos negociar um tratado específico para protegê-la. Consagramos mais uma vez a participação ainda mais efetiva da sociedade civil nos fóruns sobre desenvolvimento sustentável nas Nações Unidas.

Senhoras e senhores,

Aplaudo em especial os países em desenvolvimento que assumiram compromissos concretos com o desenvolvimento sustentável, compromisso esse firmado mesmo na ausência da necessária contrapartida de financiamento prometida pelos países desenvolvidos.

O Brasil, país emergente, fará a sua parte. Colocaremos US\$ 6 milhões no Fundo do Pnuma para países em desenvolvimento. Além disso, contribuiremos com US\$ 10 milhões para o enfrentamento das mudanças do clima nos países mais vulneráveis da África e nas pequenas ilhas.

Cada um de nossos países pode e deve avançar em relação aos compromissos contidos no documento que aprovamos. Todos os países precisam e devem avançar além do documento, porém, nenhum país tem o direito de ficar aquém do documento, aquém do consenso histórico e dos compromissos que firmamos nos documentos.

Como dissemos desde o início de nossos trabalhos, a Rio+20 é um ponto de partida. É o alicerce de nosso avanço. Não é o limite, nem tampouco o teto do nosso avanço.

Iniciamos, sim, hoje, aqui na Rio+20, uma caminhada. Essa caminhada deve ser orientada por muita ambição. Ambição para agir e construir, de forma concreta, as soluções para a

sociedade sustentável que queremos legar às crianças de hoje e de amanhã.

Aos resultados da conferência dos chefes de Estado e de Governo somam-se os diálogos e os avanços da Cúpula dos Povos, do Fórum das Grandes Cidades, do Fórum das Mulheres, da participação dos movimentos sociais e das ONGs, as organizações não-governamentais.

A Rio+20 é também o marco do engajamento e da participação empresarial. Além dos múltiplos debates sobre a sustentabilidade e a responsabilidade corporativa, em diferentes locais do Rio de Janeiro, criamos uma plataforma para o registro de compromissos voluntários de ação. Essa plataforma dará visibilidade e transparência aos esforços da iniciativa privada, permitindo, ao mesmo tempo, o controle social.

Realizamos a Conferência, eu acredito, mais participativa da nossa História. Dezenas de milhares de pessoas vieram ao Rio para trazer suas contribuições. Participaram da Conferência 12 mil representantes de quase duas centenas de países. A cada dia tomaram parte da Cúpula dos Povos cerca de 30 mil pessoas. Foram realizados quase mil eventos paralelos. Utilizamos os recursos da Internet para permitir que cidadãos de todas as partes do mundo pudessem opinar sobre os temas da Conferência.

No âmbito dos diálogos sustentáveis, organizado pelo governo brasileiro, foram recebidos mais de 1,3 milhão de votos do mundo inteiro. Com isso, foram indicadas recomendações da sociedade civil para as mesas redondas dos líderes. Essa foi uma fórmula inovadora e criativa para dar voz as mais diversas opiniões e correntes de pensamento, onde quer que estivessem.

As manifestações populares nas ruas do Rio de Janeiro são retrato da participação cidadã que marcou esta Conferência. Jovens, indígenas, mulheres, movimentos e organizações não-governamentais tiveram plena liberdade de expressar seus pontos de vistas e suas demandas em seus espaços. Assistimos a uma verdadeira festa cívica nas ruas do Rio de Janeiro.

A esses resultados concretos da Rio+20 agrega-se um legado intangível. A mobilização de toda uma nova geração, no Brasil e no mundo, em torno dos desafios da sustentabilidade. Estou convencida de que, assim como em 92, a Conferência terá um efeito transformador nas gerações atuais e futuras. Gerações comprometidas e atuantes em torno dessa tríade: crescer sim, incluir as populações excluídas, distribuir renda e gerar emprego, e proteger o meio ambiente. Essa tríade é compatível.

Expresso meus agradecimentos ao secretário-geral das Nações Unidas, Senhor Ban Ki-moon; ao secretário-geral da Conferência, senhor Sha Zukang; ao presidente da Assembleia Geral da ONU, senhor Nassir Abdulaziz Al-Nasser; e a todos os funcionários da ONU, que nos ajudaram a realizar esta Conferência.

Agradeço aos chefes de Estado e de Governo e aos demais chefes de delegação, cujo engajamento e empenho garantiram os resultados que alcançamos, pois este foi um trabalho coletivo.

Ao governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral; ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e, principalmente, à população carioca e fluminense, que acolheu de braços abertos os representantes do mundo inteiro, meu carinhoso reconhecimento. O Rio de Janeiro mostrou, mais uma vez, a vibrante hospitalidade do povo brasileiro.

Essa jornada começou lá atrás, em 2007, quando o presidente Lula levou ao plenário das Nações Unidas a proposta de organizar a Rio+20. O meu governo teve a honra de organizar e realizar esta Conferência na prática, enfrentando os seus complexos desafios.

Agradeço a dedicação e o profissionalismo de todos os ministros do meu governo e de suas equipes. Faço especial menção ao Ministério do Meio Ambiente, à Casa Civil, ao Itamaraty, às Forças Armadas e à Polícia Federal, cujas ações concertadas garantiram uma Conferência bem organizada e bem-sucedida.

Por fim, agradeço a todos os profissionais anônimos, como os tradutores que, com seu esforço e trabalho diário, fizeram com que esta Conferência se tornasse um marco na História.

Senhoras e senhores,

Diziam que o multilateralismo estava agonizante. A Rio+20 mostrou que o multilateralismo é um instrumento insubstituível de expressão global da democracia. Reafirmamos, na Rio+20, que esta é a via legítima para a construção de soluções para os problemas que afetam a todos, a toda a humanidade.

Cabe agora a todos nós – governos, organizações internacionais e sociedade civil – dar efeito e concretude ao que aqui decidimos. Agora é hora de agir.

Eu desejo a todos vocês um bom retorno aos seus lares e países.

Convido a todos para participar da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2016. Que o espírito do Rio esteja em todos nós.

Muito obrigada.

E eu declaro encerrada esta Conferência.

Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-sessao-de-encerramento-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-14min47s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-sessao-de-encerramento-da-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel-rio-20-rio-de-janeiro-rj-14min47s>), (14min47s) da Presidenta Dilma

27-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio do PAC Equipamentos - Programa de Compras Governamentais

Na ocasião, prefeitos de diversas regiões do país assinam termos de compromisso para a construção de quadras esportivas, aquisição de mobiliário e ônibus escolar

Brasília-DF, 27 de junho de 2012

Eu queria cumprimentar, em nome de todos os ministros, a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann,

O ministro da Fazenda, Guido Mantega,

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante,

A ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior.

Queria cumprimentar o senador José Pimentel, líder do Governo no Congresso Nacional,

Senador Eduardo Braga, líder do Governo no Senado Federal,

O senador Eduardo Suplicy, aqui presente.

Queria cumprimentar os senhores deputados federais aqui presentes: Alex Canziani, Antonio Carlos Biffi, Fátima Bezerra, Fernando Ferro, Fernando Maroni, Flávia Moraes, Francisco Araújo, Gabriel Guimarães, Giovani Cherini, Henrique Fontana, Newton Lima, Paulo Ferreira, Weliton Prado.

Cumprimentar o senhor José Fortunati, prefeito de Porto Alegre.

Cumprimentar cada uma das prefeitas e dos prefeitos presentes.

Cumprimentar o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Ônibus – Fabus, senhor José Antônio Fernandes Martins.

Cumprimentar o presidente da Confederação Nacional da Indústria, senhor Robson Andrade, por intermédio de quem saúdo e cumprimento os empresários e fornecedores de equipamentos do PAC Equipamentos.

Cumprimentar os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Todos nós sabemos que o mundo atravessa uma conjuntura econômica conturbada. Aquela crise, que surgiu nos Estados Unidos com a quebra do Lehman Brothers, perdura, assumindo

novas formas neste momento.

E o coração financeiro da Zona do Euro começa a sentir os efeitos dessa crise que afeta a região. É uma crise da dívida soberana, uma crise da dívida bancária e, sobretudo, uma crise de um dos melhores projetos da humanidade, que foi a União Europeia e o próprio Euro, que superou aqueles conflitos que levaram a duas grandes guerras no século passado, através de um projeto muito desafiador que era construir uma cooperação regional entre nações. Foi um projeto muito importante e é uma das conquistas, eu acho, ao longo dos séculos, da humanidade. Portanto, é do interesse de todos que esse seja um processo a ser preservado.

Há que constatar que o Euro ainda é um projeto incompleto. Isso é reconhecido pelas nações daquela região, porque falta uma união fiscal, uma união bancária e financeira, e uma união política supranacional que dê sustentação à solução da crise.

Nós acreditamos que essa combinação entre crise bancária, crise da dívida bancária e crise da dívida soberana dos países é uma situação mais complexa do que aquela que levou à situação do Lehman Brothers. Não fazendo comparação entre as duas, mas o que parece é que a crise do Euro, ela tem uma duração mais, eu diria, mais longa, sendo mais crônica e necessitando de mais medidas para ser solucionada.

Os governos europeus têm encontrado dificuldades para obter um consenso entre eles e muitas vezes, ou mesmo, muitas vezes conseguem acertar medidas, as medidas parecem que estão durando pouco e também começa haver um grande problema de confiança dos mercados e da população em relação às medidas tomadas.

O governo brasileiro tomou todas as providências para, dentro das possibilidades de países que não são da região, contribuir para melhorar a situação através do aumento da nossa participação no Fundo Monetário. E isso significou que nós passássemos de uma contribuição de 20 bilhões, acertada nos períodos anteriores, à uma contribuição ainda maior, em torno de 10 bilhões. Os países dos BRICS, nos quais o Brasil é um dos integrantes, contribuíram neste período, ou seja, nessa última reunião do G-20, com US\$ 75 bilhões.

Essa crise, ela afeta também os Estados Unidos, que estão tentando uma elevação do seu crescimento. Todos os países BRICS, que são os grandes países emergentes, repensáveis pela produção, pelo crescimento e pelo comércio internacional de uma forma muito significativa, têm tido dificuldades, principalmente, porque os dois grandes mercados, Estados Unidos e Europa, têm passado por um processo de desaceleração.

Nós temos esperado, a cada reunião dos países europeus, que uma solução mais sistêmica surja e de fato assegure maior nível de confiança.

Agora, esse cenário nos preocupa, mas não nos amedronta. É importante ter consciência dele para evitar que nesse momento sejam feitas aventuras fiscais. Nenhum país do mundo, hoje, se permite uma política fiscal que não leve em conta, sobretudo, investimentos. Aventuras fiscais é a gente se comportar como se não estivesse acontecendo nada. Nós não nos amedrontamos, mas não podemos fingir que nada está acontecendo. É de todo importante que a sociedade, o governo federal, o Legislativo, o Judiciário, as entidades empresariais, enfim, todos nós tenhamos consciência de que a situação internacional é diferente. Nós temos recursos para encontrar um caminho e continuar crescendo. Primeiro, evitar as consequências e continuar crescendo. Agora, nós não podemos achar que... ter a soberba de achar que podemos brincar à beira do precipício ou tomar medidas que se tomariam mais fácil em tempos normais.

Por isso, o Brasil, por meio do governo brasileiro, e eu tenho certeza, por meio de todas as instituições e da sociedade, vai tomar as medidas necessárias para proteger a produção e os

empregos em nosso país. Nós vamos proteger a produção e os empregos. Nós vamos criar e expandir parcerias internacionais para fazer isso. E estamos tomando todas as medidas aqui no Brasil. Por que nós somos otimistas, apesar de sóbrios? Nós somos otimistas porque, primeiro, nós temos os instrumentos para preservar a saúde econômica e as nossas conquistas sociais. Porque nós praticamos o modelo que desenvolveu bases sólidas, está fincado nos próprios pés deste país, está fincado em pés brasileiros. Por que? Porque nós fizemos um processo de crescimento que expandiu o mercado interno, que criou o mercado de massa. Esse processo é um processo que dá grande densidade à capacidade do país de, com as suas forças, responder à crise. É óbvio que nós não somos uma ilha. É óbvio que nós sofremos consequências da redução do comércio internacional e, como nós temos pouca exposição financeira a toda crise, a situação do Brasil é bastante confortável.

Então veja: crescimento com distribuição de renda, criando um mercado interno e atendendo a demanda reprimida secular do nosso país; dois, o fato de nós termos reservas, compulsório, instrumentos monetários e financeiros; três, o fato de nossa relação câmbio-juros ter ficado um pouco melhor; quatro, o processo de desoneração de investimentos que nós viemos fazendo; cinco, o fato normal, que diante de momentos críticos, o investimento privado recua, porque ele é pró-cíclico, faz com que nós tenhamos de avançar no investimento público, que é em obras, em equipamentos e máquinas, é em demanda de investimento, bens de capital do setor produtivo brasileiro, assegurando que não haja interrupção. O fato de nós termos a nossa renda crescendo e o nosso desemprego diminuindo. Aliás, nós temos atingido as menores taxas de desemprego históricas.

Ao lançar o Plano Brasil Maior, em agosto de 2011, nós antecipamos um problema que foi avaliado pelo governo como sendo um problema que assumiria essa dimensão que assumiu agora, que é a crise do Euro. Nós, naquela época, afirmamos que o poder de compra do Estado brasileiro seria um dos instrumentos fundamentais para estimular a nossa indústria, para estimular a nossa economia, e para garantir empregos e gerar renda.

Hoje, nós tomamos mais uma iniciativa para usar o poder de compra na manutenção e aceleração do crescimento econômico. Aqui eu gostaria de ressaltar um fato. O uso do poder de compra é algo consagrado, hoje, como um dos mecanismos aceitos para garantir a sustentação do crescimento econômico. Mal ou bem, foi feito em países como os Estados Unidos, a China e objeto da disputa eleitoral na Europa. Compre. Países europeus, eu não vou dizer qual é o país, mas é generalizado. Compre produtos americanos e compre produtos chineses é algo que faz parte desse processo de resistência à crise.

Nós queremos que esse programa contribua, junto com todas as medidas que tomamos, para melhorar e garantir essa proteção. Serão 8 bilhões e 400 milhões, dos quais mais de 6 bilhões não estavam previstos no Orçamento deste ano. São antecipações de compra, são adiantamentos de compra, que terão vários efeitos, principalmente, vão melhorar as condições, também, para que a gente ofereça serviços públicos de qualidade.

Nós, nesse processo, estamos combinando isso com a ampliação no Minha Casa, Minha Vida e com aceleração do ritmo de construção, permitindo que a atividade da construção civil também cresça. Com programas de encomendas da Petrobras, que reergue a indústria naval. Com o Mais Alimentos, que levou maior mecanização à agricultura familiar, mas também significa o fornecimento de retroscavadeiras, que significa uma melhoria na condição das estradas vicinais, que permite que as prefeituras tenham maiores condições.

Nós também lançamos, recentemente, um ambicioso programa de investimentos com estados e melhoramos o marco legal das PPPs [Parcerias Público-Privadas] para permitir maior nível de investimentos. Estamos acelerando o processo de investimento no PAC. E, recentemente, agradeço aprovação na Câmara dos Deputados do RDC [Regime Diferenciado

de Contratações] para o PAC, que vai permitir uma melhoria nas condições de contratação e maior rapidez, o que foi demonstrado no que se refere às obras da Copa e das Olimpíadas.

Todas as compras que nós lançamos antes vão atender às necessidades do povo brasileiro. Eu vou citar: os ônibus para transporte escolar; os caminhões e veículos para as Forças Armadas, que têm de ser reequipadas, na medida em que cumprem um papel essencial; as ambulâncias para expandir o Samu; os caminhões e perfuratrizes para poços artesianos, facilitando o combate à seca; as retroescavadeiras, como eu disse, para manutenção das estradas vicinais; os mobiliários para as escolas públicas.

Eu tenho certeza que, com essa medida – com mais essa medida –, nós vamos somar ao conjunto de medidas que nós temos tomado e outras que nós ainda tomaremos um momento muito importante nesta hora em que o mundo tem e sofre um processo, em alguns casos, de recessão, desesperança e desemprego.

Nós aqui temos certeza de que o Brasil prosseguirá nesse caminho e vamos continuar estimulando o investimento e o consumo, sem comprometer a estabilidade fiscal.

No caso do consumo, eu queria destacar que no dia 18 deste mês, nós começamos a pagar o Bolsa Família para aquelas famílias com criança de zero a seis anos receberão, a cada adulto e criança dessa família, uma renda de R\$ 70,00 mínima/mês. Por que isso? Porque nós temos consciência de que as crianças só saem da pobreza, e essas crianças são as pessoas da nossa população menos protegidas, se a família sair.

Nós acreditamos que isso terá um efeito muito grande na proteção social também em um momento desses de crise. Principalmente na região onde se concentra o maior número de crianças pobres – que é o Nordeste -, enfrentar a seca nas condições de hoje, apesar da calamidade que a seca é, tem efeitos sociais muito menos danosos, porque há uma rede de proteção.

Essa medida, que é para o Brasil inteiro, ela beneficia, em especial, as famílias que moram no semiárido nordestino, e que precisam ser protegidas desse desastre natural.

Eu queria aqui agradecer aos senhores, e dizer que o Brasil será um dos países que resistirá a essa crise, porque nós escolhemos um modelo de desenvolvimento que repousa, sobretudo, sobre a força da economia brasileira, do mercado interno brasileiro, do empreendedorismo dos empresários brasileiros e aquela força dos trabalhadores e das trabalhadoras deste país.

Considero que uma política de compras governamentais, ela, neste momento, é, sobretudo, uma afirmação de que nós temos mecanismos para enfrentar a crise, e vamos usá-los sem nenhuma restrição.

Muito obrigada.

Confira a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-do-pac-equipamentos-2013-programa-de-compras-governamentais-brasilia-df) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-do-pac-equipamentos-2013-programa-de-compras-governamentais-brasilia-df>) (19min27s) da Presidenta Dilma

28-06-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2012/2013

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, do total de recursos previstos no Plano, R\$ 86,9 bilhões destinam-se ao custeio e à comercialização da produção

Palácio do Planalto, 28 de junho de 2012

Eu queria iniciar cumprimentando o nosso senador José Sarney, presidente do Senado Federal.

Queria cumprimentar também os senhores e as senhoras chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo.

Queria cumprimentar os ministros de Estado, ao cumprimentar o ministro Mendes Ribeiro, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, grande participante do meu governo e que concebeu este Plano com a ajuda dos demais ministros, mas o papel dele de liderança é inequívoco.

E cumprimentar também a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil.

Assim, eu cumprimento todos os ministros de Estado e as ministras de Estado aqui presentes.

Cumprimento também o senador José Pimentel, líder do governo no Congresso Nacional.

Cumprimento a senadora Kátia Abreu, presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, por intermédio de quem cumprimento todos os representantes do setor produtivo agrícola e pecuário.

Cumprimento o senador Acir Gurgacz, presidente da Comissão da Agricultura e da Reforma Agrária, no Senado Federal.

E cumprimento o nosso querido Waldemir Moka, que é o presidente da Comissão do Cooperativismo.

Cumprimento também as senhoras e os senhores senadores Ana Amélia, Sérgio Souza e Casildo Maldaner.

Cumprimento aqui os deputados e as deputadas federais aqui presentes.

Cumprimento os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria dizer aos senhores que o Brasil se orgulha muito do lugar que ocupa no cenário

agrícola internacional. Nós, sem sombra de dúvida, somos uma potência agropecuária porque soubemos agregar as condições naturais à eficiência do trabalho, da ciência e da tecnologia, e temos um imenso orgulho dos homens e das mulheres do nosso agronegócio.

A nossa agricultura, a nossa pecuária, o nosso setor de agroenergia são frutos do empenho de nosso país em gerar conhecimento e aplicá-lo à atividade produtiva. São expressões da dedicação de nossos produtores e são também partes de escolhas estratégicas e de políticas públicas que têm apoiado de forma efetiva esses produtores.

O governo brasileiro tem tido um grande empenho em colocar como prioridade a questão agrícola no Brasil. E nós não vemos nenhuma contradição entre o agronegócio e a política para a agricultura familiar para os médios e pequenos proprietários. Pelo contrário, achamos que elas são complementares. Hoje, lançamos aqui o Plano Safra para o agronegócio. Semana que vem lançaremos o Plano Safra da Agricultura Familiar.

Eu considero que é obrigação do país ter consciência da importância e tomar as medidas cabíveis para expandir cada vez mais o caráter avançado da nossa agricultura. O que tem de mais moderno que é, para nós, estratégico. De fato, eu concordo que a agricultura, ela, no Brasil, ela conquistou um estágio que o seu nível de competitividade é capaz de superar as crises.

Nós sabemos que o mundo, por mais tecnológico que se transforme, jamais prescindirá de energia e de alimentos. E nisso, o papel do Brasil tem de consolidar cada vez mais como um papel excepcional. Por isso, este Plano Agrícola, ele, de fato, é um plano que pretende ampliar cada vez mais o espaço da agricultura brasileira dentro e fora do país. Por isso, nós colocamos 115 bilhões, e eu acrescento também - até porque o Mendes fazia questão deles - 115 bilhões e 200 milhões, não é Mendes? De recursos que nós colocaremos para dar suporte ao empreendedorismo e às iniciativas do agronegócio brasileiro.

E aqui eu quero assumir o compromisso manifestado pelo ministro Mendes para... Não haverá restrições de recursos caso os 115 bilhões sejam empregados de forma a atingir, a não conseguir chegar até o final da safra, ou seja, não há restrições de recursos.

Por que isso é importante? Eu lembro de um período muito difícil para o governo brasileiro, que queria ter uma participação maior ajudando o agronegócio, logo no início do governo do presidente Lula, que nós conseguimos disponibilizar apenas R\$ 27 bilhões. Antes, era um pouco menos. Aumentaram um pouquinho para 27 bilhões em 2000, na safra de 2003 e 2004. Vejam vocês, nós saímos de uma trajetória em quase, em nove anos, de 27 bilhões para 115 [bilhões], o que mostra que o Brasil mudou, o que mostra que nós podemos comemorar o fato de que a nossa força consiste nessa combinação presente aqui, entre os produtores rurais e o governo federal. E esta parceria é uma parceria do diálogo.

Eu acredito - foi ressaltado até pelo Mendes e pela senadora Kátia Abreu - que há uma mudança nesse Plano Safra. Eu acho que o conceito e o paradigma dele é um conceito essencial quando se trata de efficientizar os gastos, de torná-los mais eficientes, que é o seguinte: tem de chegar no maior número de produtores e tem de chegar diretamente a eles sem nenhum desvio de percurso. Nós buscaremos sistematicamente, com a ajuda de todas as instituições. E aqui eu quero dirigir uma palavra especial para o Banco do Brasil, que é o grande agente financeiro, tradicional agente financeiro, que agora tem de ser cada vez mais um agente capaz de propiciar a adequada aplicação desses recursos.

Nós estamos nessa safra oferecendo mais recursos com taxas de juros menores. A redução da taxa de juros, que é um movimento que estamos vendo ocorrer em toda a economia, é uma marca desse Plano também. A agricultura também está sendo beneficiada por essa redução. Todas as suas linhas de crédito tiveram sua taxa de juros fixada em 5,5% ao ano,

inferior à vigente na safra anterior e igual à do Programa de Sustentação do Investimento, o PSI, operado pelo BNDES. Isso é o reconhecimento que nós também damos ao fato de que a agricultura exerce um papel essencial, nesse momento, também no enfrentamento da crise internacional. Porque o nosso agronegócio tem um potencial de gerar renda, emprego e de mostrar que o Brasil consegue, é um dos poucos países que consegue, criar uma relativa proteção, em relação aos efeitos perversos dessa crise de dívida soberana e de dívida bancária que afeta o mundo.

Essa nova edição do Plano Safra, ela oferece, de fato, mais recursos com juros mais baixos, porque queremos que o produtor rural concentre sua energia na terra, na semente, na colheita e não no banco e na hipoteca. Queremos que o produtor rural seja capaz de adotar as melhores práticas e possa estar livre para produzir e prosperar.

Nós também – e eu queria enfatizar isso – nos preocupamos com o aprimoramento dos instrumentos de apoio ao médio produtor. Porque o médio produtor é aquele que fica entre duas partes. Fica entre a política para o grande produtor e a política para a agricultura familiar e para o pequeno agricultor. Por isso, ter esse foco no médio produtor é um momento importante.

O ministro Mendes mostrou com grande competência as características principais do Plano e que queria falar aqui, também, do Programa ABC da Agricultura de Baixo Carbono, que é um dos orgulhos do nosso país. Aliás, eu faço um parêntesis e digo para vocês que um dos momentos mais importantes para a gente afirmar qual é a posição do Brasil, no que se refere à questão do desenvolvimento sustentável, foi ser possível afirmar que nós conseguimos crescer a nossa agricultura em 180% e, ao mesmo tempo, ocupar só, ter um crescimento apenas de 30, em torno de 32% da área. Isso é crucial, porque mostra que nós somos capazes de crescer com área relativamente reduzida. O que mostra que o crescimento não é incompatível, era o melhor exemplo nosso, que o crescimento não é incompatível com a preservação ambiental. E eu acredito que, também, o fato de a nossa agricultura incorporar melhores práticas na área de agricultura de baixo carbono mostra também que nós somos um país nessa área especial. Nós podemos plantar direto na palha, o que é uma prática ambientalmente sustentável, e isso significa aumento de produtividade. Nós podemos fazer fixação do hidrogênio no solo, e isso significa aumento de produtividade. Nós podemos fazer a rotação lavoura-pecuária, e também isso significa aumento de produtividade.

A agricultura ABC, portanto, é uma forma que não é de custo. É investimento em aumento de produtividade, baseado em práticas ambientalmente sustentáveis. E isso é, de fato, um orgulho para todos nós, porque é um patrimônio deste país, sendo capaz também de gerar energia elétrica, gerar energia em geral – a de transportes também – através de fontes renováveis.

Então, eu queria dizer para vocês que nós conseguimos muito nos últimos 20 anos. E isso permite também um outro fator de grande orgulho, que foi: cresceu a agricultura no nosso país, em termos de volume, em termos de produtividade e em renda e ganho para o Brasil em termos de balanço e de produção e alimentação da população. E diminuiu o desmatamento na Amazônia, que nós temos, hoje, ao contrário dos países desenvolvidos, 60% dos nossos biomas florestais intactos. Isso apesar de sermos a maior potência agrícola do mundo.

Outra questão que eu queria sinalizar é que este é o Ano Internacional do Cooperativismo, e eu creio – e o governo reconhece isso como fundamental – que o cooperativismo cumpre um papel estratégico na cadeia produtiva agrícola, tanto da parte, da relação com a parte da plantação e da criação, quanto da transformação e agregação de valor. Daí por que nós estamos ampliando os recursos para as linhas de financiamento às cooperativas

agropecuárias, reduzindo os juros e elevando o valor financiado.

Nós tivemos o cuidado, também, de enfrentar a questão do seguro agrícola no nosso país. Para nós, isso é fundamental porque sabemos qual é o nível de risco, dado o clima, dadas perdas irreversíveis – às vezes, irreversíveis – dos produtores rurais. Por isso, eu comemoro a ampliação do limite de R\$ 300 mil por safra, o que é o dobro do ano passado, e, também, que a alíquota do prêmio de seguro foi reduzido para 3%, dar a destinação de 400 milhões à subvenção do prêmio e também o fato de que o total segurado passa a ser, passa de 5 a R\$ 18 bilhões.

Finalmente, eu quero dizer que nós estamos evoluindo a nossa agricultura a cada ano. E eu queria assumir aqui alguns compromissos voluntários do governo. Um, inclusive, foi mencionado pelo Mendes, que é o Plano Nacional de Armazenagem. O outro é uma questão que eu acho, o governo considera essencial para a agricultura, aí em geral: pequena, média e grande. É o fato de nós termos um excelente órgão de pesquisa, de geração de conhecimento, que é a Emater, e termos uma certa fragilidade na área de assistência técnica e extensão rural.

O governo está construindo uma política de assistência técnica e extensão rural e estamos pensando na criação de uma agência de assistência técnica e extensão rural capaz de providenciar a disseminação das melhores práticas através de protocolos e pacotes tecnológicos, criando e especializando um grupo de agentes públicos que terão, obviamente, ligação com todas as estruturas, sejam os órgãos de extensão rural estaduais, sejam as associações de produtores, sejam as cooperativas, seja a forma que assumir a relação com os produtores. Este, talvez, seja um dos maiores desafios do meu governo e ele implica em algo que eu considero fundamental, que é dar uma contribuição ao conjunto da agricultura desse país do nível de conhecimento técnico que nós atingimos. Essa contribuição significa, é uma forma de democratizar conhecimento. Nós temos a obrigação, enquanto país – e aí essa agência só pode existir em cooperação entre o MAPA [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento] e o MDA [Ministério do Desenvolvimento Agrário], entre a Embrapa, que é a grande produtora de conhecimento junto com todos os laboratórios e institutos de pesquisa, e o conjunto dos produtores.

E nós, ao fazer isso, estaremos também dando um dos maiores passos deste país para firmar o que é a característica da nossa agricultura. É uma agricultura que usa, de fato, a insolação, a quantidade de terra, a água, mas ela conseguiu, sobretudo, agregar o valor da capacidade produtiva, da capacidade de geração de conhecimento e de geração de tecnologia.

E, hoje, eu acho que nós, transformando em um novo casamento, Embrapa e essa instituição, conseguiremos fortalecer ainda mais a Embrapa, focando a sua atividade na produção cada vez maior de conhecimento e gerando os instrumentos para levar esse conhecimento a todos os produtores.

Eu quero também dizer que, para nós, nós temos de perceber que no Brasil, cada vez mais – e esse setor, eu acho que é um exemplo para o conjunto da atividade econômica –, é a hora da produção e da produtividade. É a hora da mão que cultiva, cria, produz e gera. É, no caso deste Plano Safra, a hora do Brasil que madruga semeando e anoitece colhendo. A hora do Brasil que não hesita em encher o prato de quem tem fome, aqui e no exterior. É hora do Brasil que multiplica renda e emprego, e concretiza as esperanças do nosso povo.

Nós, hoje, oferecemos à área rural do nosso país medidas de apoio à produção. Nós temos certeza que, num horizonte estratégico, essas medidas são fundamentais e é o que nós temos entre o melhor que é possível oferecer ao nosso país e ao mundo: comida farta,

preços justos, e com terra viva e natureza respeitada.

Eu tenho – quero dizer a vocês – eu tenho tido grande orgulho de representar o Brasil internacionalmente, afirmando que nós somos aquele país que produz, que amplia a produção, que usa tecnologia e que respeita o meio ambiente.

Muito obrigada.

Ah, só um pouquinho, eu quero dar os parabéns, porque nós conseguimos o Plano de (incompreensível), que é fundamental. Parabéns, Mendes, em parceria com a CNA, com a Kátia Abreu.

▣
Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-plano-agricola-e-pecuario-2012-2013-brasilia-df-22min39s>) (22min39s) da Presidenta Dilma

29-06-2012 - Discurso de encerramento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na Cúpula de Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados

"O Brasil, na qualidade de presidente pro tempore, assume suas responsabilidades com o compromisso de dar seguimento a todas as políticas de integração baseadas em tudo o que conquistamos até agora, e ainda dar sua contribuição para avançarmos mais", disse a presidenta

Mendoza-Argentina, 29 de junho de 2012

Senhora Presidente,

Senhores Presidentes,

Senhores Chanceleres e senhoras Chanceleres e representantes do Mercosul e dos países convidados,

Eu queria dizer que o Brasil assume a Presidência *Pro Tempore* do Mercosul consciente de que no próximo semestre nós temos desafios e oportunidades. Desafio porque devemos nos integrar, cada vez mais, para enfrentar a crise econômica que atinge os países desenvolvidos, em especial os países da Zona do Euro, e fazê-lo ampliando o que há de melhor no nosso modelo de crescimento, que é a distribuição de renda e a inclusão social, e o crescimento de nossas economias de maneira sustentável.

A convocação que nós fazemos a todos os países para integrar ao Mercosul, este mercado comum que construímos ao longo do esforço de várias décadas, aqui nesta região do mundo, é um elemento desse desafio e dessa oportunidade. Por outro lado, nós temos, na constituição do Mercosul, um compromisso democrático fundamental, que é aquele que prima por respeitar os princípios do direito de defesa, é aquele que prima por rejeitar ritos sumários e zelar para que a manifestação dos legítimos interesses dos povos dos nossos países sejam assegurados. Por isso, temos de fazer, neste semestre, os nossos melhores esforços para que as eleições de abril próximo, no Paraguai, sejam democráticas, livres e justas.

Acredito que esses dois grandes desafios pautarão os próximos meses. Nós temos capacidade, e já demonstramos, de atender as necessidades de nossas economias e de nossas sociedades, tanto em matéria econômica e social quanto em matéria democrática.

Nós estamos aqui para assegurar que o nosso patrimônio de integração regional será cada vez mais reforçado. E aqui eu homenageio dois presidentes responsáveis por essa consciência: o presidente Lula e o presidente Kirchner. E agradeço imensamente, em nome do governo brasileiro e do povo brasileiro, a homenagem feita ao presidente Lula, atribuindo-lhe a cidadania do Mercosul. Agradeço à presidenta Cristina, e considero que nós temos duas

lideranças históricas nesse processo, às quais nós sempre iremos honrar.

Nós temos de reconhecer que esse é um momento muito importante para a nossa região. Todas as análises mostram que nós, hoje, ainda somos uma das regiões do mundo menos afetadas pela crise. Nós temos de fazer, da integração de nossas economias, um fator relevante de aprimoramento das condições de vida dos nossos povos. E temos de perceber que a América Latina não é e não será apenas uma fornecedora de alimentos e de minérios e de energia. Isso é importante num mundo em que o papel da segurança alimentar e da segurança energética ganha cada vez maior destaque. Mas nós somos países que querem povos educados, capazes de agregar valor, de gerar valor e de usar o conhecimento, a educação, a pesquisa científica, pacotes tecnológicos, protocolos tecnológicos, gerando inovação para ampliar nossos mercados e assegurar nossos crescimentos.

Eu quero agradecer à Presidência *Pro Tempore* argentina por ter semeado o debate sobre algumas das questões mais estratégicas para a região. Refiro-me, em particular, à discussão sobre o aperfeiçoamento do fundo... do Focem, com vistas à sua futura ampliação. Porque uma integração precisa de instrumentos, uma integração precisa, tanto de instrumentos que permitam que nós levemos à frente um processo de redução das assimetrias, como nós... como aquele que faz com que nós possamos garantir, às nossas economias, o maior crescimento do emprego e da renda.

O Brasil, na qualidade de presidente *pro tempore*, assume suas responsabilidades com o compromisso de dar seguimento a todas as políticas de integração baseadas em tudo o que conquistamos até agora, e ainda dar sua contribuição para avançarmos mais.

Devemos incluir, cada vez mais, objetivos estratégicos de garantir integração de nossas cadeias produtivas e assegurar que todos os países tenham capacidade e possam ter ganhos com essa integração, e não perdas.

Por outro lado, queria dizer que a nossa posição em relação ao que aconteceu no Paraguai é uma posição que mostra a sobriedade desta região. Nós somos uma região que, há 140 anos, vive sem guerras. Nós somos uma região pacífica, uma região sem conflitos étnicos e sem perseguições religiosas. Nós somos uma região que fez todos os seus organismos baseados num compromisso fundamental com a democracia. E o Protocolo de Ushuaia evidencia isso.

Eu quero dizer, então, que o Brasil e os países do Mercosul... e convidamos cada vez mais países a integrarem o Mercosul, e esperamos que no dia 31 de julho o processo contínuo e sistemático por que passou a integração da Venezuela no Mercosul seja concluído. Espero, também, que outros países possam agregar a esse esforço. Convido todos os países aqui presentes para que isso ocorra.

Por fim, conto com o empenho de todos e espero que nossa vontade coletiva seja capaz de afirmar-se sobre os desafios individuais de cada um de nós. Respeitando esses desafios e agregando esses esforços, nós seremos capazes de fazer jus ao tamanho dessa nossa América Latina.

Muito obrigada.

Eu declaro, então, encerrada esta reunião, e convido todos a passarem ao salão ao lado. Como disse a presidenta Cristina, vai haver aqui uma mudança para que a gente continue com a reunião da Unasul.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra da intervenção (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-cupula-extraordinaria-de-chefes-de-estado-da-unasul-mendoza-argentina-09min25s>) (09min25s) da Presidenta Dilma